



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MARIA VALDIRA DE AZEVEDO FARIAS

**AS TERRITORIALIDADES DO “BEIRAL” NO CONTEXTO DA REPRODUÇÃO  
DO ESPAÇO EM BOA VISTA-RR**

BOA VISTA, RR

2014

MARIA VALDIRA DE AZEVEDO FARIAS

**AS TERRITORIALIDADES DO “BEIRAL” NO CONTEXTO DA REPRODUÇÃO  
DO ESPAÇO EM BOA VISTA-RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia: Linha de Pesquisa: Produção do Território Amazônico. Orientador Prof. Dr. Artur Rosa Filho e Co-orientador Prof. Dr. Paulo Rogério de Freitas Silva.

Boa Vista, RR

2014

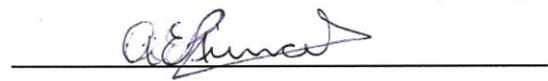
MARIA VALDIRA DE AZEVEDO FARIAS

AS TERRITORIALIDADES DO “BEIRAL” NO CONTEXTO DA REPRODUÇÃO DO  
ESPAÇO EM BOA VISTA - RR

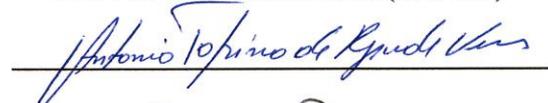
Dissertação apresentada como pré-requisito  
para conclusão do Curso de Mestrado do  
Programa de Pós-Graduação em Geografia da  
Universidade Federal de Roraima. Área de  
concentração: Produção Territorial da  
Amazônia. Defendida em 27 de março de  
2014 e avaliada pela seguinte banca:



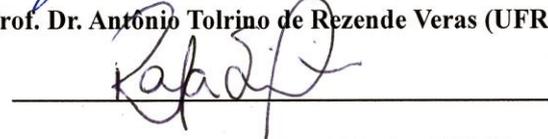
**Dr. Artur Rosa Filho – Orientador (UFRR)**



**Prof. Dr.ª Ana Enedi Prince (UNIVAP)**



**Prof. Dr. Antônio Tolrino de Rezende Veras (UFRR)**



**Prof. Dr. Rafael da Silva Oliveira (UFRR)**

Dedico aos meus pais  
João Alves Pereira Neto (*in memoriam*) e Tereza de Azevedo Pereira.  
Seus valores continuam influenciando a minha vida!

## AGRADECIMENTOS

Quando nos envolvemos em um trabalho acadêmico, como este, sabemos que estamos em uma caminhada, que é o momento de nos isolarmos e abdicarmos de alguns prazeres da vida. Entretanto, quando vemos que estamos chegando ao final desta importante etapa de crescimento pessoal, começamos a nos lembrar das pessoas que sempre estiveram ao nosso lado. Neste instante de reflexão, agradeço:

A Deus, que me deu vida e saúde para chegar até aqui.

Em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Artur Rosa Filho, por sua paciência, sabedoria, dedicação e ajuda essenciais. Também, ao meu co-orientador, Prof. Dr. Paulo Rogério.

Aos professores integrantes da banca de qualificação e defesa final, que aceitaram participar deste trabalho, orientando meus conhecimentos.

Aos professores do Curso de Mestrado em Geografia da UFRR, pelos ensinamentos valiosos.

À família e aos amigos que foram compreensivos comigo quanto a meus desaparecimentos.

A meus colegas de sala de aula, que dividiram os sofrimentos de forma a torná-los divertidos, em especial, à Ana Sibelônia, Antônio Pedro, Shigeaki Alves da Paixão. E à Keliane Pereira, cuja ajuda foi preciosa na aplicação dos questionários no “Beiral”.

Aos moradores do “Beiral” que me cederam informações sobre suas vidas e cotidiano.

Ao meu marido, que não deixou - por nenhum momento - o desânimo me dominar, sempre foi, e é companheiro, amigo, o grande amor da minha vida.

E ao meu Sun.

A todos vocês sou muito grata.

Obrigada!

## RESUMO

O recorte desse estudo é o “Beiral”, área localizada à margem direita do rio Branco, em Boa Vista-RR. A pesquisa foi feita sobre análise geográfica, a partir dos conceitos de espaço, território e territorialidade. Como objetivo geral, buscou-se compreender de que maneira as territorialidades constituem as dinâmicas cotidianas no “Beiral” e contribuem para a reprodução do espaço urbano em Boa Vista-RR. Quis-se, também, verificar, através de carta imagens de satélites, o perímetro urbano do “Beiral”. Averiguar, através de aplicação de questionários, a percepção dos moradores sobre o “Beiral” e suas territorialidades. Identificar as políticas públicas do poder executivo municipal para aquela área, a qual comporta diferentes motivações e valores individuais e coletivos concorrentes na ocupação e utilização do território. Entende-se que buscar a identidade do lugar é procurar compreender o entrelaçar das falas e conceitos que dão uma forma a este espaço. É nessa perspectiva que, por fim, apresentamos, após uma criteriosa análise dos dados obtidos, algumas considerações sobre o processo e as territorialidades de reprodução do “Beiral”. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, aplicação de questionários, conversas informais com os moradores e observação *in loco*. O recorte espacial do “Beiral” assume importância e significados especiais aos indivíduos que lá vivem. É um cenário rico de histórias e geografias, no qual as feições sociais se articulam.

**Palavras-chave:** Reprodução do Espaço, Territorialidade, “Beiral”.

## ABSTRACT

The main theme of this study is the “Beiral”, an area located on the right bank of the Rio Branco in Boa Vista-RR. The research was done on geographical analysis, the concepts of space, territory and territoriality. As a general goal, we sought to understand how the territoriality is the daily dynamics in "Eaves" and contribute to the reproduction of urban space in Boa Vista-RR. Kish was also verify by letter images from satellites the city limits of Eaves. Ascertain, through questionnaires, the perception of residents about Eaves and its territoriality. Identify the public policy of the municipal executive power to that area, which includes various individual and collective motivations and values competing in the occupation and land use. It is understood that seek the identity of the place is trying to understand the interweaving of words and concepts that give a shape to this space. In this perspective, finally, present, after a careful analysis of the data, some considerations about the process and reproduction of territoriality “Beiral”. The methodology used was the literature, questionnaires, informal conversations with residents and on-site observation. The spatial area of Eaves assumes importance and special significance to individuals living there. It is a rich scenario histories and geographies in which the social features are articulated.

**Keywords:** Reproduction of Space, Territorialities, “Beiral”.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Mapa da Cidade de Boa Vista.....	37
Figura 02	Mapa de Localização da área de estudo.....	39
Figura 03	Construções de residência do “Beiral” .....	40
Figura 04	Construções de residência do Bairro Caçari.....	40
Figura 05	Palafitas no “Beiral” .....	41
Figura 06	Palafitas no “Beiral”.....	42
Figura 07	Residências no “Beiral” .....	43
Figura 08	Ponto do Peixe do “Beiral”.....	46
Figura 09	Local do “Beiral” assistido pela Igreja Católica .....	49
Figura 10	Igreja Missionária Milagres de Vida.....	50
Figura 11	Sede do Oásis Divino Mestre.....	53
Figura 12	Escola Rio Branco.....	54
Figura 13	Sede do PETI.....	56
Figura 14	Ação Social Iverton Duarte.....	57
Figura 15	Local da Ação Social da Secretaria Municipal de Gestão Social (PETI).....	58
Figura 16	Nome das ruas do “Beiral”: Cerejo Cruz e Ajuricaba.....	61
Figura 17	Tempo de moradia no “Beiral”/Ano.....	62
Figura 18	Satisfação com o seu atual local de moradia.....	63
Figura 19	Principais problemas do “Beiral” .....	64
Figura 20	Ruas do “Beiral” .....	66
Figura 21	Travessa José Coelho.....	67
Figura 22	Se PMBV tem realizado infraestrutura necessária no “Beiral” .....	68
Figura 23	Se você pudesse escolher moraria em outro lugar.....	69
Figura 24	Você é a favor da remoção dos moradores do “Beiral” para outro lugar de Boa Vista.....	71
Figura 25	Você percebe mudanças no seu cotidiano.....	72
Figura 26	Você percebe mudanças no seu cotidiano.....	74
Figura 27	As mudanças percebidas pelos os moradores do “Beiral” .....	75
Figura 28	“Beiral” no período de chuvas.....	80

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>Semgep</b>	Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania Boa Vista-RR
<b>Semges</b>	Ação da Secretaria Municipal de Gestão Social
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>PETI</b>	Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil
<b>Cernutri</b>	Centro de Recuperação Nutricional Infantil
<b>SESC</b>	Serviço Social do Comércio
<b>Pronatec</b>	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
<b>Projovem</b>	Programa Jovem Trabalhador

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	221
<b>1.2 O ESPAÇO E SEUS DIVERSOS CONCEITOS</b> .....	21
<b>1.3 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE</b> .....	26
<b>2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO</b> .....	355
<b>2.1 AS TERRITORIALIDADES DO “BEIRAL”</b> .....	433
<b>2.2 AÇÕES SOCIAIS FIXAS NO “BEIRAL”</b> .....	522
<b>2.3 AÇÕES SOCIAIS TEMPORÁRIAS NO “BEIRAL”</b> .....	566
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	60
<b>3.1 CONSULTA DOS MORADORES AO LONGO DO “BEIRAL”</b> .....	788
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	822
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	855
<b>APÊNDICE</b> .....	92
<b>ANEXO</b> .....	93

## 1 - INTRODUÇÃO

Boa Vista surge a partir da instalação da sede da fazenda denominada Boa Vista do Rio Branco, em 1830, e cresceu, especialmente, margeando o lado direito do Rio Branco. De fazenda, evoluiu para povoado, freguesia, vila, cidade, capital de território federal e, atualmente, capital do Estado de Roraima.

Compreender os processos das transformações históricas de Boa Vista, desde o princípio até conquistar o *status* de capital do Estado de Roraima é de fundamental importância para analisarmos as territorialidades do Caetano Filho, popularmente denominado de “Beiral”. Esta pesquisa busca realizar um estudo sobre as territorialidades do “Beiral” no contexto da reprodução do espaço em Boa Vista-RR.

A territorialidade pode ser vista como um fenômeno comportamental associado à organização do espaço ou de territórios visivelmente demarcados, considerados distintos e específicos, por seus ocupantes e agentes, Soja (1971, apud BONFIM 2012). Tais agentes sociais são concretos e suas ações são complexas, sendo as ações derivadas da dinâmica de acumulação de capital e das necessidades mutáveis da reprodução das relações de produção.

Perante o exposto, é preciso considerar que o espaço é produto ou reflexo das relações sociais; ele é, também, força capaz de reproduzir tais relações. As estratégias em torno das apropriações diferenciadas do espaço urbano pressupõem considerar esses atributos do espaço socialmente produzidos.

O “Beiral” encontra-se inserido em dois bairros, Centro e Calungá. O nome deve-se a sua localização às margens do rio Branco e pode-se dizer que se oficializou desde que a comunidade criou, em 1940, a Escola de Samba Unidos do “Beiral”, tradicional no Carnaval roraimense.

O tradicional ponto de comercialização de peixe às margens do rio Branco reforçou o nome “Beiral”, internalizando-o ainda mais na mente dos moradores. A localização estratégica sempre contribuiu para as práticas comerciais dos moradores, entre elas a pesca e a comercialização desta.

A referida área começou a ser ocupada na década de 1930, quando as primeiras moradias foram erguidas por moradores criadores de gado, os quais também praticavam a agricultura de subsistência, pelos pescadores do rio Branco e pelos garimpeiros, que viviam

da exploração de minérios, “incentivando”, produzindo ou reproduzindo o espaço destas margens do rio.

Para o surgimento das primeiras instalações do “Beiral”, houve influência da Igreja Católica, com os padres salesianos e beneditinos, e a exploração de minérios em Roraima, em meados do século XX, que tiveram um papel fundamental no seu crescimento.

O primeiro nome do “Beiral” foi Porto da Olaria, devido às olarias que se localizavam nesse local na década de 1930. No início dos anos de 1960, o prefeito da época, Raimundo Marques, resolveu homenagear um dos pescadores, o Sr. Francisco Caetano Filho, que havia sido assassinado em 1958. O nome mudou de Porto da Olaria para Francisco Caetano Filho.

Embora tenha nome e certa tradição de bairro, para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), o “Beiral” não é considerado bairro até nos dias atuais. Porém, para os moradores locais e para a população boa-vistense, o “Beiral” tem *status* de bairro.

No atual contexto, o “Beiral” é composto por comerciantes e pescadores, tendo a feira do peixe como ambiente de comercialização de seus produtos, bem como a existência dos demais profissionais que contribuem com a dinâmica deste espaço.

Segundo a Prefeitura Municipal de Boa Vista, que realizou um trabalho de perfil socioeconômico nos bairros da cidade, em 2010, a população é estimada em, aproximadamente, 595 habitantes concentrados em 171 famílias. Esta pesquisa partiu do pressuposto tanto de conhecer as territorialidades do “Beiral”, quanto os diversos aspectos como educação, saúde, infraestrutura e economia.

Para o sociólogo Vicente de Paulo Joaquim, Chefe do escritório do IBGE em Roraima, o “Beiral” é classificado como uma área de características próprias, no espaço e no tempo, pois não tem comparação com outra localidade do município de Boa Vista. O “Beiral” localiza-se às margens do rio Branco na cidade de Boa Vista, tendo características únicas, estruturas simples no que se refere às edificações e uma população de baixa renda que sobrevive, em sua maioria, de trabalhos informais, diferenciando-se do restante do centro e de suas adjacências.

De acordo com Rodrigues (1999), para melhor compreender a dinâmica organizacional de dada sociedade, é preciso analisar o espaço, pois, em cada momento histórico e em cada lugar, a produção do espaço se dá de maneira diferenciada.

O sentimento de pertença, a assimilação e a conseqüente incorporação da cultura local contribuem para a formação da identidade dos lugares. Portanto, essa concepção geográfica

privilegia os significados, tendências dos lugares e valores que os homens atribuem ao espaço, transformando-se em lugar, à medida que adquire personalidade. As identidades são originadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiares dos moradores do “Beiral”.

Santos (2006) afirma que o território é o espaço físico mais a identidade, mostrando a importância da organização social para a formação do território. O território é o alicerce do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. A riqueza do ambiente são elementos constantes no processo do pensar geográfico e aplica-se às responsabilidades adotadas para as construções de um olhar sobre as territorialidades do “Beiral”.

O olhar dos homens sobre seu ambiente traduz suas experiências e, portanto, é o referencial que constrói sua identidade nessa relação. Distinguem-se diferentes tipos de experiências unidas às relações topofílicas em que a familiaridade e a afeição são percebidas pelo lugar. Os moradores do “Beiral” investiram ali parte de suas vidas emocionais no transcurso do tempo. O espaço vivido é percebido de maneira diferente pelos indivíduos sendo uma das questões decisivas na análise geográfica que se coloca.

Portanto, analisar o “Beiral” é uma forma básica de integração das perspectivas natural, social e humanista, fundamental para nossa experiência de mundo, cabendo à Geografia representar e ponderar esta experiência. O recorte espacial do “Beiral” assume importâncias e significados especiais aos seus indivíduos que lá vivem. É um cenário rico de histórias e geografias, onde as feições sociais se articulam.

A presente pesquisa está dividida em quatro partes, além de uma introdução e das considerações finais. A primeira parte integra a fundamentação teórica que norteará a pesquisa com autores expoentes da geografia que discutem espaço, territórios e territorialidades, como Milton Santos, Rogério Haesbaert, Claude Raffestin, Marcelo Lopes de Souza, Marcos Aurélio Saquet, e outros autores de áreas afins. Cada autor, a partir de suas concepções teóricas-metodológicas, dá ênfase no conceito de espaço, território e, principalmente, territorialidade.

Já a segunda parte aborda o histórico do “Beiral”, a origem deste espaço e sua trajetória de ocupação, bem como o cerne da pesquisa: as territorialidades do “Beiral” no contexto da reprodução do espaço em Boa Vista-RR.

E, por fim, a terceira parte tratar-se-á dos resultados e discussões da pesquisa, quando se demonstrará a percepção dos moradores sobre o “Beiral” e suas territorialidades.

Objetivo geral desta pesquisa é compreender de que maneira as territorialidades constituem as dinâmicas cotidianas no “Beiral” e contribuem para a reprodução do espaço urbano em Boa Vista-RR.

Os objetivos específicos são identificar, através das respostas dadas aos questionários, informações que demonstram a autopercepção dos moradores do “Beiral” e investigar como as diferentes territorialidades se manifestam e de que maneira se constituem no espaço em estudo.

A justificativa da pesquisa compreendeu-se em três momentos como:

**a) Pessoal:** Sou moradora de Boa Vista há vinte e sete anos e sempre assisti e ouvi falarem do “Beiral”, o que me fez sentir curiosidade em conhecer este espaço e despertou em mim o desejo de escolher o tema, pelo fato de querer compreender este espaço em meio a tantas polêmicas e buscar perceber o significado do “Beiral” para seus moradores, a sua identidade. Quis compreender a relação que os moradores do “Beiral” têm com Boa Vista.

A comunidade é (re) construída pela dinâmica da vida das pessoas que a organizam: a dinâmica do lugar de morada, por sua vez, está fulgente na singularidade do cotidiano. É, por conseguinte, a construção de um elo afetivo entre o sujeito e o espaço geográfico em que vive.

**b) Social:** O “Beiral” constitui-se num lugar de relações topofílicas, uma vez que tem uma dimensão afetiva repleta de sentimentos, experiências e vivências; sendo assim, é uma área mergulhada no caráter afetivo de cada morador.

O “Beiral” assume valores e significados especiais, para aqueles lá vivem. É um espaço carregado de emotividade, no qual as relações sociais, as representações de universos singulares e as experiências se articulam de forma a transformar meras localizações em sítios especiais, guardados com cuidado na memória.

**c) Científica:** Como sempre vi e ouvi falarem do “Beiral”, já havia em mim interesse em fazer algum trabalho com discussões e alguns questionamentos sobre o lugar, mas não tinha tido oportunidade de fazer nenhuma pesquisa científica. Em 2009, ao assistir à apresentação de um trabalho na graduação sobre o “Beiral”, decidi fazer o projeto para o mestrado sobre essa localidade. Isso se reafirmou com as discussões e teorias das disciplinas cursadas na graduação e, posteriormente, na pós-graduação sobre o espaço e a reprodução do espaço.

Espera-se que este estudo possa servir de subsídios para futuros projetos voltados para o desenvolvimento humano dos moradores do “Beiral” e para desenvolvimento de políticas públicas, visando à integração do lugar com a cidade de Boa Vista.

Quando buscamos analisar a dinâmica geográfica de um espaço, observamos que cada indivíduo o percebe a partir de seu ponto de vista, quando os mesmos se apresentam com características distintas, e com suas especificidades.

Compreender a dinâmica do “Beiral” requer uma reflexão sobre os processos históricos que contribuíram para sua expansão e sua permanência, mesmo que este não seja reconhecido oficialmente como bairro e esteja localizado na área central da cidade de Boa Vista. Apesar dessa realidade econômica e social, o “Beiral” e da localização, condicionam-se particularidades de segregação, isto é, ali se concentra uma população de baixa renda em uma excelente área, tendo características singulares. Isso diferencia essa área de interesse social do entorno de suas proximidades.

Sendo assim, fizemos os seguintes questionamentos: Por que os moradores do “Beiral” permanecem nessa área? De que forma os moradores do “Beiral” enxergam o “Beiral”?

Partindo dessas indagações, esta pesquisa realizou-se um estudo sobre as territorialidades do “Beiral” na perspectiva da reprodução do espaço urbano em Boa Vista-RR.

A metodologia que norteia o desenvolvimento da pesquisa expressa a postura do pesquisador, no sentido mais abrangente, posto que os valores, concepções, sentimentos, entendimentos, significados estarão subentendidos e perpassados pelo que for pesquisado, transcrito, idealizado, criado ou concebido.

Para alcançarmos os objetivos da pesquisa, foi imprescindível construir metodologias para descrever o caminho e os passos que nos orientaram no desenvolvimento de investigação empírica, a fim de ter subsídios para a dos resultados sobre as territorialidades do Beiral. As metodologias abordadas nesta pesquisa consistem em qualitativo, quantitativo, documental, bibliográfica e, posteriormente, visita de campo no “Beiral”, entrevista com os moradores e aplicações de questionários.

Apresentar conceitos usados por alguns teóricos foi necessário para entender sua importância e definir uma análise mais profunda sobre o tema proposto. O *lócus* da pesquisa é o “Beiral”, um lugar de diversas territorialidades: trabalho, descanso, moradia, prostituição, tráfico, se tornando palco principal das relações mais intensas de seus moradores.

A abordagem teórico-metodológica foi fundamentada nas obras dos geógrafos renomados e de outros autores de áreas afins: Manuel Correia Andrade: Territorialidades, Desterritorialidades, Novas Territorialidades: Os Limites do Poder Nacional e do Poder Local e Imperialismo e Fragmentação do Espaço. Manuel Castells: O poder da Identidade. Roberto Lobato Corrêa: O Espaço Urbano. Rogério Haesbaert: O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade e Identidades Territoriais. Antônio Teixeira Guerra em Estudos Geográficos do Território do Rio Branco. Claude Raffestin: Por uma Geografia do Poder. Milton Santos A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção, Técnica, Espaço e Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. Milton Santos e Maria Laura Silveira: O Brasil Território e Sociedade no Início do Século XXI. Yi-Fu Tuan Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Marcelo Lopes de Souza: O Território: Sobre Espaço e Poder e O Narcotráfico no Rio de Janeiro, sua Territorialidade e a Dialética entre Ordem e Desordem. Miguel Ângelo Campos Ribeiro e Rogério Mattos: Territórios da Prostituição nos Espaços Públicos da Área Central do Rio de Janeiro. Ruy Moreira: Repensando a Geografia. Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert: O Tempo e a Cidade de Porto Alegre. Adyr Balastrieri Rodrigues: Turismo e Espaço Rumo a um Conhecimento Transdisciplinar. Zeny Rosendahl: Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica, Território e Territorialidade: Uma Perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião. Marcos Aurélio Saquet: Campo-Território: Considerações Teórico-Metodológicas e Abordagens e Concepções de Território e O Papel Ativo do Geógrafo, um Manifesto. Ignacy Sachs. Espaços, Tempos e Estratégias de Desenvolvimento. Paulo Rogério Freitas Silva: Dinâmica Territorial Urbana em Roraima. Roseli Alves dos Santos: O Processo de Modernização da Agricultura no Sudoeste Paranaense. Dirce Maria Antunes Suertegaray: Pesquisa de Campo em Geografia. Pedro. Demo: Introdução à Metodologia da ciência. R. R Helder: Como Fazer Análise Documental. Menga Ludke: Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. M. M Oliveir: Como Fazer Pesquisa Qualitativa. Deobold Van Dalen, B. e, William J. Meyer: Manual de Técnica de La investigación Educacional Barcelona. Richard Hartshorne: Propósitos e Natureza da Geografia. Rosália Duarte: Pesquisa Qualitativa Reflexões Sobre o Trabalho de Campo. José Guilherme Magnani: Etnografia como Prática e Experiência. Horizontes Antropológicos. Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi: Metodologia do trabalho científico, Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni: Retratos da Juventude Brasileira: Análises de Uma Pesquisa Nacional. Ângela Maria Moreira Silva:

Teresinha Maria Gonçalves e Joyde Giacomini Martinez: Educação Ambiental Crítica: Pensando o Ambiente Urbano e Manual de Normas para apresentação dos trabalhos Técnico-Científico da UFRR. José Pastore: Crime e Violência Urbana. Rogério Botelho de Mattos e Miguel Ângelo Ribeiro: Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. Regynaldo Arruda Sampaio: Da noção de violência urbana à compreensão da violência no processo de urbanização. Frauze Mattar: Pesquisa de Marketing. Zerino Rocha Paixão: Violência e solidão. Arthur Rosa Filho: Percepção geográfica de escorregamentos de encostas em favelas nas áreas de risco.

Buscamos, além disso, alguns dados na (Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania de Boa Vista-RR, SEMGEP), Trabalho Perfil Socioeconômico dos Bairros da Cidade de Boa Vista- 2010, e no IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico de Roraima 2010, 2011 e 2012.

Segundo Demo (1985, p.19):

A metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia.

Este é o momento em que a pesquisa adquire uma proporção empírica, quando o pesquisador interage com o universo de estudo, procurando aproximar o plano das ideias. A metodologia versou análise de dados através das pesquisas qualitativa, quantitativa, bibliográfica e documental.

A pesquisa qualitativa, em geral, torna-se necessária na medida em que o paradigma, conjunto de conjecturas que guiam a pesquisa do estudo, admita a multiplicidade do pensar e agir do pesquisador.

É imprescindível uma abordagem compreensiva e ou interpretativa do objeto de estudo, para apreender como os indivíduos e suas possibilidades múltiplas de pensar e agir se relacionam e construir objeto de estudo do pesquisador. A pesquisa qualitativa, mais do que qualquer outra, levanta questões éticas, principalmente, devido à proximidade entre pesquisador e pesquisados.

Sendo assim, essa forma de pesquisa proporcionou a construção de um texto expositivo e dedutivo para demonstrar qualitativamente a compreensão do caso analisado, o significado e tendências do “Beiral”, constituído como parte avançada do Centro de Boa

Vista-Roraima. Envolveu a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, cuja ênfase deu-se mais no processo do que o produto e a preocupação maior foi retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE, 1986).

Para que a pesquisa qualitativa fosse viabilizada, analisou-se diretamente elementos da realidade do “Beiral”, com depoimentos, a partir de entrevistas. Inicialmente construiu-se um aporte bibliográfico que subsidiou a visão multidisciplinar da pesquisa. O suporte teórico inicial foi a Geografia, porque nela encontramos a acepção de espaço, território e territorialidade.

A pesquisa quantitativa é mais adequada para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos padronizados (questionários). Foram aplicados 119 questionários com 08 questões para os moradores do “Beiral”, a população local é de aproximadamente 595 moradores e 171 famílias. (Prefeitura Municipal de Boa Vista, que realizou um trabalho de perfil socioeconômico 2010).

O início das atividades com os trabalhos de campo no “Beiral” deu-se em 2012, mas também foram feitos outros trabalhos dessa ordem e observações nos dias 17 maio, 15 de junho e 22 de junho de 2013; aplicação de questionário nas datas correntes: 20 e 27 de agosto de 2013 e, ainda, nos dias 6, 10 e 15 de setembro de 2013.

Neves (1996) assegura que “a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento. Além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumento estatístico para análise de dados”.

A pesquisa bibliográfica é uma etapa principal em qualquer trabalho científico que influencia todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que dá o embasamento teórico no qual se fundamentará o trabalho. Nesta investigação, essa modalidade auxiliou na formação de conceitos básicos operacionalizados no transcurso do trabalho e forneceu dados secundários, processados em várias etapas da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é composta por dados secundários, a fim de orientar no problema da pesquisa: Por que os moradores do “Beiral” permanecem nessa área? De que forma os moradores do “Beiral” enxergam o “Beiral”? Através da coleta desses dados bibliográficos, foram embasados os outros tipos de pesquisa que se quis realizar.

As técnicas materializam-se, de um lado, na pesquisa bibliográfica que encontramos em livros, revistas, teses, dissertações, periódicos tanto no âmbito da Geografia, quanto nas

demais áreas das ciências humanas e sociais. A pesquisa supracitada teve a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo que tem escrito do objeto de estudo.

A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUDKE, 1986).

Acreditamos que, desta forma, teremos contato e acesso às informações sobre os significados e as tendências do “Beiral”, constituído como parte integrante do Centro de Boa Vista-Roraima.

Segundo Lakatos e Marconi (1992), “toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes e os dois processos pelos quais se podem obter dados são a documentação direta e a indireta”. A primeira constitui-se do levantamento dos dados no local onde os fenômenos ocorrem; e a segunda, em pesquisa documental e bibliográfica.

Pesquisa documental: “A técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas” Helder (2006). A pesquisa documental é realizada em fontes como tabelas estatísticas, cartas, pareceres, fotografias, atas, relatórios, notas, diários, projetos de lei, ofícios, discursos, mapas, testamentos, inventários, informativos, depoimentos orais e escritos, certidões, correspondência pessoal ou comercial, documentos informativos arquivados em repartições públicas, associações, igrejas, sindicatos.

No entanto, chamamos a atenção para o fato de que “na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007).

A metodologia usada para a pesquisa permeou a utilização de documentação indireta: leis, decretos e atas, encontrados na associação dos moradores, arquivos públicos e particulares, que estimulam a compreensão, em busca de esclarecer os problemas. Ao mesmo tempo, as entrevistas serviram de subsídios para a conformação do diagnóstico quanto às condições socioeconômicas. Realizamos também pesquisa documental direta por meio de observação em campo, aplicação de questionários com os moradores do “Beiral” (Apêndice A).

Na pesquisa documental, as fontes de coleta de dados são os documentos escritos ou não, geralmente caracterizados como fontes primárias. A esse respeito, Rosa e Arnoldi

(2008), enunciam que podem ser considerados documentos: cartas, fotografias, artigos científicos, que, muitas vezes, auxiliam e previnem contra as más interpretações.

No trabalho de campo, a observação do cotidiano é a partir do que está no cerne da vida das pessoas, no cotidiano da existência atual e futura, e do passado. Nessa perspectiva, também é considerada uma coleta de dados para conseguir informações, sob determinados aspectos da realidade. Pela observação e percepção do lugar, fomos direcionados a pensar em uma geografia subjetiva cunhada no cotidiano dos moradores. Foi sob essa ótica que se analisou o “Beiral”.

A pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito. Esta interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Neste caso, o conhecimento não é produzido para subsidiar outros processos. Ele alimenta o processo, na medida em que desvenda as contradições, na medida em que as revela e, portanto, cria nova consciência do mundo. Trata-se de um movimento da geografia engajada nos movimentos, sejam eles sociais agrários ou urbanos. Enfim, movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (SUERTUEGARAY, 2002, p.94).

A pesquisa de campo está fundamentada em documentação direta, o levantamento de dados foi realizado no local onde ocorreram os fenômenos com o objetivo de obter informações sobre um problema, ou confirmar uma hipótese, ou descobrir novas relações entre fatos por meio da observação.

Partimos do pressuposto de que o trabalho é indispensável na análise territorial. A pesquisa de campo como observador e transformador, pois pesquisar é buscar, o trabalho de campo é assim, conhecimento prático através da vivência em transformação dos fatos cotidianos, das histórias e geografias, dos fazeres, ações e das tramas feitas pelos sujeitos no seu espaço.

Neste contexto, o método de investigação aqui contou em parte, com a observação participante para o desenvolvimento do projeto de qualificação em 2012 e, em 2013, através do trabalho de campo, com conversas informais aliadas à observação *in loco* na análise do espaço, território e territorialidade.

Van Dalen e Meyer (1976) lembram que o “o trabalho de pesquisa não é de natureza mecânica, mas requer imaginação criadora e iniciativa individual”. E acrescentam:

“entretanto, a pesquisa não é uma atividade feita ao acaso, porque todo trabalho criativo pede o emprego de procedimentos e disciplinas determinadas”.

O exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 12).

Todos os procedimentos que elucidaram a coleta de dados não foram, contudo, apenas um momento de acumulação de informações, mas se combinaram com a reformulação de hipóteses ao longo da investigação (CARDOSO, 1986).

A pesquisa de campo, na qual se concretizou tanto a pesquisa bibliográfica e documental, quanto às técnicas de entrevista e observação participante foram a matéria-prima da pesquisa.

Uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2009, 135 p.)

Os questionários aplicados e o diário de campo, por sua vez, foram instrumentos importantes utilizados na coleta de dados. Todas as situações de meu contato, na condição de pesquisadora, com o público-alvo da investigação são parte integrante também do material de análise (DUARTE, 2002).

A observação participante, na pesquisa etnográfica, cumpre destacado papel, no conceito em que o olhar, o ouvir e o registrar sobre uma realidade externa ao pesquisador não pode se dar, senão a partir da inserção deste naquela, ainda que nem tão de perto nem tão de longe, conforme orienta Magnani (2009).

O método da pesquisa nos proporcionou as condições técnico-científicas adequadas para abranger e explicar o espaço, território e as territorialidades do “Beiral”, buscando e percebendo os processos decisivos para seu surgimento e desenvolvimento. E a análise com a interpretação dos dados colhidos foi sistematizada e interpretada a partir da conferência da pesquisa bibliográfica, com o resultado do material de pesquisa de campo, referente à pesquisa documental, às entrevistas e às observações.

Para compor o mapa de Boa Vista, foi usada a imagem RESOURCESAT1/LISS3 na composição 5R4G3B, digitalmente integrada via técnica IHS, com a imagem HRC, cujo objetivo foi gerar um produto de alta resolução espacial, que mantivesse a variação espectral dada pela imagem RESOURCESAT1/LISS3, e a espacial dada pela CBERS/HRC. O mapa de localização utilizado é produto da imagem fornecida pelo Google, ano 2007. As fotos foram tiradas nos anos de 2010 (acervo da igreja); e em abril, junho e julho de 2013 (acervo pessoal).

O levantamento de informações junto aos moradores exigiu um cuidado extra para atingir o objetivo da pesquisa, necessitando de amparo teórico-metodológico sobre as diferentes formas de contato e de coleta de dados, em momentos diferentes da pesquisa, bem como as técnicas utilizadas e as formas de abordagem, que possibilitaram a compreensão do objeto de estudo.

Os atores da pesquisa foram os moradores do “Beiral”, com suas relações, transformações e concepção do espaço, território e territorialidade.

A fundamentação teórica deu-se por meio de leituras e discussões acerca dos conceitos de espaço, território e territorialidade. Assim, foi possível realizar a pesquisa empírica no “Beiral” e suas territorialidades. A Geografia é uma ciência que estuda as relações que os homens estabelecem entre si e com o meio; nessa perspectiva, a compreensão do conceito de espaço, território e territorialidades é muito importante para que possamos compreender que esse relacionamento é permeado de conflitos que acontecem em diferentes espaços e tempos.

## 1.1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica aqui apresentada aborda os conceitos de espaço, território e territorialidades, a partir de apontamentos de importantes referências relativas à teoria utilizada nesta pesquisa.

## 1.2 - O ESPAÇO E SEUS DIVERSOS CONCEITOS

Partimos do princípio de que a análise geográfica é essencial para compreender os conceitos de espaço geográfico, território e territorialidades. O espaço define-se nas diferentes escalas de tempo, sendo estes períodos separados, na geografia tradicional, como um conjunto

de ideias que se estende de 1870 a, aproximadamente, 1950. Neste momento, privilegiam-se os conceitos de paisagem e região discutindo-se sobre o objeto da Geografia e sua identidade.

Em 1950, iniciaram-se intensas alterações na geografia. Surge a geografia teórica-quantitativa embasada no positivismo lógico. Tomou-se por esta corrente uma unidade epistemológica da ciência aos conformes das ciências naturais e, a partir de então, pela primeira vez, inclusa do pensamento geográfico, para o qual espaço é visto como conceito-chave, atenuando fortes junções com o planejamento. Este período é marcado pela construção dos modelos, entre eles os matemáticos para a comprovação do raciocínio hipotético-dedutivo.

Foi, a partir da década de 1970, que surgiu a geografia crítica, calcada no materialismo histórico e na dialética marxista. Esta corrente do pensamento geográfico veio romper com a geografia tradicional e, também, com a geografia teórica-quantitativa. O espaço passa a desempenhar um papel ou função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica e de um sistema.

O espaço foi dividido e modelado a partir de elementos históricos e naturais, mas também politicamente. O espaço é político e ideológico porque esse espaço que parece homogêneo, em sua forma pura, tal como constatamos, é um espaço social.

Ao contrário das geografias fundamentadas no positivismo, a geografia crítica não considera o espaço como autônomo, ou seja, a sociedade não pode ser analisada exterior em relação ao espaço. O espaço necessita ser, então, compreendido como um produto do homem. Dessa forma, o espaço é materialidade social e cabe ressaltar que, agora, é visto não unicamente como se fosse organizado pela sociedade, mas como produzido por esta sociedade por meio do trabalho. Atribui-se, neste momento, a relevância da compreensão histórica e social que se faz necessária para entender o grau de desenvolvimento das relações do trabalho à produção (SOUZA, 2010).

Na década de 1970, Lefebvre realizou importantes estudos sobre o espaço geográfico que influenciaram distintos autores. Lefebvre (1976) considera o espaço geográfico como produção da sociedade, fruto da reprodução das relações sociais de produção em sua totalidade. O autor trabalhou com quatro abordagens do conceito de espaço: o espaço como forma pura; como produto da sociedade; espaço como instrumento político e ideológico e o espaço socialmente produzido, apropriado e transformado pela sociedade.

Com relação à análise do espaço social, o referido teórico destaca três vieses: o espaço percebido, do corpo e da experiência corpórea, ligado às práticas espaciais; espaço concebido

ou espaço do poder dominante e da ideologia e espaço vivido que une experiência e cultura, corpo e imaginário de cada um de nós, o espaço da representação.

Segundo Lefebvre (1976), o espaço deve ser entendido como espaço social, não devendo ser visto como espaço absoluto. Não deve ser um instrumento político, campo de ações de produção. Com essa concepção, esse autor marca profundamente o espaço de discussão para os geógrafos. Outros estudiosos, como Milton Santos, inspiraram-se naquele autor para desenvolver seus conceitos.

Todas essas características devem ser analisadas de forma conjunta, pois uma está intimamente ligada à outra.

A década de 1970 assistiu ao surgimento de Espaço, Geografia Humanista e Cultural. Esta é apontada nas filosofias da acepção, especialmente a fenomenologia e o existencialismo. É uma crítica à Geografia lógico-positivista. Assenta-se na subjetividade, na instituição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo, privilegiando o singular e não o particular ou o universal. Revaloriza-se o conceito de paisagem.

Segundo Corrêa (2010), a paisagem torna-se um conceito revalorizado, assim como a região; enquanto o conceito de território tem na geografia humanista uma de suas matrizes. O lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante; enquanto o espaço adquire, para muitos autores, o significado de espaço vivido.

Também na década de 1970, destaca-se Tuan que, no âmbito da geografia humanística, conceituou o espaço geográfico. Posteriormente, Tuan (1980) afirma que para se conceituar o espaço geográfico, devem-se levar em conta os aspectos da geografia humanista, os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência. Nessa linha de análise, cada indivíduo tem uma maneira peculiar de entender, de aferir o espaço em que vive, de dar “usos” distintos ao espaço.

Mas Tuan (1980) afirma que existem vários tipos de espaço, um espaço pessoal, outro grupal, onde é vivida à experiência do outro, e o espaço conceitual que, ainda que ligado experiência, extrapola para além da evidencia sensorial e das necessidades imediatas e em direção a estruturas mais abstratas.

Ao se adaptar em um espaço, concreto ou abstratamente, o ator obtém a territorialidade do espaço. E observamos que, segundo esta apropriação do espaço acentuado por Raffestin (1993), o ator como agente territorializador o faz por vários motivos: domínio do poder, necessidade, acessibilidade, localidade. Mas, um sobressai dentre outros: é a

questão pela sobrevivência, pois tais disputas têm seus motivos, para que ocorra determinada conquista.

Para Santos (2006), ao retratar o espaço, deve-se considerar um conjunto indissociável do qual participam arranjos de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais de um lado; e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O espaço é produzido por vários agentes como, por exemplo, o Estado, promotores imobiliários, proprietários fundiários e grupos sociais excluídos que, de acordo com a história que o sujeito produz, é também produzido obedecendo às leis do desenvolvimento da sociedade a partir dos modos de produção.

A produção e a reprodução do espaço se dão no plano da vida diária, na relação que se coloca entre os diferentes agentes responsáveis pela reprodução do espaço urbano. Ponderamos aqui que existem diversos atores sociais responsáveis pela (re)produção do espaço e que cada um atua de acordo com seus interesses.

Corrêa (1989) afirma que os grupos sociais excluídos não possuem renda para pagar o aluguel de uma habitação decente e muito menos comprar um imóvel. Assim, moram onde sobra, ou seja, em locais não interessantes à classe que constitui a demanda solvável da população.

Os grupos sociais excluídos têm uma menor expressão na produção do espaço. Apesar disso, é nos espaços de exclusão, nos terrenos públicos ou mesmo nas terras privadas invadidas que esses agentes tornam-se importantes na gênese do espaço. Neles criam favelas, aglomerados subnormais, espaços próprios, símbolos de resistência e de sobrevivência.

O “Beiral” se formou a partir de um espaço, foi um resultado de uma ação conduzida por agentes que produziram seu próprio território. Os agentes se apropriaram de um espaço da cidade de Boa Vista e o transformaram colocando suas características e identidade. O espaço é parte complementar da identidade de uma pessoa, portanto indissociável da cultura e da história.

O espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (do território) relacionados com possibilidades diferentes de uso do tempo Santos (2008). Cabe observar que a cidade em que vivemos se transforma de maneira rápida e, nela, analisamos espaços e tempos diferentes. Para se compreender o território, é preciso distinguir boa parte das suas territorialidades e estas estão

submergidas na subjetividade dos sujeitos e fatores, processos, agentes e atores que participam da construção dos territórios que resultam na totalidade de um espaço.

Para Claval (2001), o espaço acolhe as características de um determinado tempo, assimilando-as e transformando-as sem cessar. Cada cidade, rua e bairro traz a marca de milhões de histórias que compuseram a realidade de seus habitantes, independentemente da época em que viveram. O espaço geográfico é a decorrência das relações que nele acontecem: econômicas, sociais, políticas e culturais. Os diversos autores estudados demonstraram essas relações.

Santos (2008) aponta a importância da análise espacial no processo de produção e reprodução das relações sociais. Para o autor, o espaço é um conjunto que está constantemente interagindo com os objetos, condicionando as ações, criando objetos e dotando-os de funcionalidades. Com relação à ação humana, temos que entender que ela tende a transformar o meio natural em meio geográfico, isto é, em meio moldado pela intervenção do homem no decorrer da história.

O espaço geográfico é um resultado de inúmeras inter-relações do homem com o ambiente, nas distintas escalas geográficas, originando uma intensa utilização dos recursos disponíveis, ao mesmo tempo em que estabelece relações afetivas que promovem transformações com um sentido de pertencimento num dado espaço.

(...) o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola, etc, resultado e determinante do processo de produção de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações. (SAQUET, 2007, p. 129).

Conforme Côrrea (2010), espaço é concebido como lócus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade. O espaço geográfico é o lugar do homem viver, agir, produzir, socializar suas possibilidades e seus ideais. O espaço da cidade de Boa Vista foi construído a partir das relações de produção e reprodução estabelecidas pelo homem e pela sociedade, como um todo ao longo de sua trajetória, de fazenda Boa Vista até os dias atuais.

Nas palavras de Raffestin (1993. p. 143),

O espaço e território não são termos equivalentes, por isso: É essencial compreender que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreto ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço. [...] o território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si.

Para Raffestin (1993), o espaço é a matéria-prima do território, preexiste a qualquer ação intencional de determinado ator que dele procure se apropriar. Considerando-se a apropriação decorrente das relações de poder, ao se materializar no espaço, humaniza-o. Desse modo, cremos que a ação humana na compreensão desse autor se constrói através de um conjunto de relações desenvolvidas na coletividade. Ela conjectura a multidimensionalidade do vivido, o que nos leva a idealizar, juntamente com ele, que a relação com o território é uma questão de relação com os homens, ou seja, com os outros.

No entanto, para compreender melhor as territorialidades do “Beiral”, na coesão com objetivo geral desta pesquisa, visa-se realizar um estudo sobre as territorialidades do “Beiral” no contexto de reprodução do espaço em Boa Vista-RR, para o qual se torna necessário verificar como se dá a interação dos moradores com seu território, uma vez que a dinâmica espacial cria uma teia de relações que justificam sua realidade espaço-temporal.

### 1.3 - TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

Território e territorialidade são conceitos-chave usados por alguns teóricos, necessários para entender a importância e definir uma análise mais profunda sobre o assunto proposto. Por isso, o tema escolhido requer um conceito que envolva as dimensões das mudanças, expansão, crescimento, espaço urbano, território e percepção de uma cidade ou bairro.

Para Souza (1995), o território é “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. São os indivíduos, com essa habilidade de se impor uns aos outros, que irão criar certa localidade; a continuidade das relações das pessoas é que transformará essa localidade em um território. As transformações sobrevividas no território determinam ou

definem territorialidades que levam à precisão de discutir a temporalidade, na qual essas categorias se inserem, pois, a partir da análise temporal, percebem-se os fenômenos nele ocorridos.

Em consequência, a simples ocupação não é satisfatória para compor um território, dada a falta do componente relacional que possibilita os acessos aos mecanismos territoriais. O território deve ser entendido como o produto da apropriação do espaço através das relações de poder de diferentes atores.

O território tem, pois, um papel importante especialmente na formação social brasileira. Tudo passa, mas os territórios efetivamente usados permanecem, o território implica proximidade, relação direta com o espaço (SOUZA, 2003).

O território é múltiplo e resultado da interação de suas diferenças. Território é um constante fazer, desfazer e refazer. É um caminho de mudanças carregado de expressividade de cada sujeito. O território é confluência de identidade, interrupção de movimentos, conversação de diferenças, desacordo dos outros e diversidade, multiterritorialidades.

Refletir sobre o território e identidade traz para os moradores do “Beiral” a expressão do sentimento de pertencimento e conscientização sobre o próprio território. Para Claval (2001), o território é produto das relações e da territorialidade, com essa consciência de pertencer àquilo que nos pertence. Para ele, os atores sociais também constroem território.

As ocupações irregulares se constituem como resistências, produzem territórios alternativos que possibilitam a tomada de voz aos excluídos e causam uma tensão social e a movimentação de várias esferas públicas e privadas para a discussão e a resolução da problemática.

Toda identidade territorial é uma identidade cultural definida através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta. Assim o espaço geográfico constitui parte fundamental dos processos de identificação social. (HAESBAERT, 1999).

As identidades são frutos dos processos históricos e relacionais, que compõem a gênese de cada território numa totalidade de inclusões sociais com o ambiente externo à vida em sociedade. A identidade, deste modo, configura-se num patrimônio territorial a ser preservado e estimado pelos atores envolvidos na sua constituição histórica.

Os territórios são espaços onde identificamos atos de disputas e estas podem ocorrer por quem o conquista, logo têm mais poder sobre o espaço, entre outros. O “Beiral” é

constituído por conquistas e poderes entre os moradores. Segundo Raffestin (1993), O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível.

Santos (2006) retrata a questão do território e sua relação ontológica com o espaço, já que esse território é visto como uma extensão do espaço, concretizada com a interação exposta através de outro elemento importante: as ações que, junto com objetos articulados e atos integrados em um sistema, produzem o espaço.

A conquista pelo território irá depender de quem tem mais poder sobre o mesmo. Ao constatar que a territorialidade existe em determinado ambiente, é preciso então identificar o seu agente, ou seja, quem detém o poder. A respeito do poder, Saquet (2007) afirma que “O poder é exercido na apropriação e na dominação.” E diz ainda que “O poder é produzido nas relações, em cada instante; não é uma instituição, mas o nome que se dá a uma situação complexa da vida em sociedades”.

Segundo Santos (2002), o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence.

Haesbaert (1995) analisa o território em uma tríplice abordagem: jurídico-política, econômica e cultural. Assim, além do caráter do poder estatal, salientou o aspecto humano da identidade social, bem como os aspectos econômicos da relação capital-trabalho, todos presentes na constituição do território. Neste sentido, a dupla dimensão do território, cultural e político-disciplinar pode estar conjugada, reforçada ou ainda contestada, devendo ser analisada de acordo com as formas e a intensidade com que se apresenta a relação entre a dimensão material (político-econômica) e a dimensão imaterial (simbólico-cultural).

Souza (2010), as discussões sobre território e territorialidade aparecem como conceitos de suma importância para validação desse estudo e compreensão da realidade.

Deste modo, a análise histórica é indispensável à compreensão da formação do território, onde a periodização consente compreender valor, podendo ser concretizado a partir de uma variável ou de um conjunto delas.

[...] territórios são construídos e (desconstruídos) dentro de escalas temporais e mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência cíclica, Souza (2010). O território deve

ser analisado como um espaço de identidade, de identificação, constituindo-se sua base pelo sentimento, que pouco influi na forma espacial, uma vez que esta pode ser mutável. Destarte, o território pode até mesmo compor-se no imaginário, naquilo que é pensado.

Santos (1994) considera que os territórios são formas, mas territórios usados resultam da relação entre objetos e ações, que equivalem a espaço humano, espaço construído. É nesse sentido que ao falar de território levarei em consideração as feições de mundo dos sujeitos, ou seja, o território é entendido como uma construção individual e, ao mesmo tempo, coletiva.

Em cada território é encontrada uma ou mais territorialidades, que incidem em marcas ou características de um povo às quais acabam servindo como uma forma de identificação. As suas marcas identitárias são construídas, tendo como consequência a construção e consolidação do território. Souza (2010) assegura que, dentro de um território, existem vários aspectos importantes: um deles é a territorialidade – marcas criadas por uma sociedade que servirão como forma de conceito de um povo.

Ao discorrer sobre território, deve-se levar em conta a importância da sociedade e sua espacialização e, também, o espaço do imaginário, do sentimento que leva à assimilação com o território. Unicamente por meio do conhecimento do espaço vivido e das relações de identidade, é possível compreender a territorialidade dos moradores do “Beiral” e seu pertencimento ao lugar, bem como a sua forma de reprodução social e de uso do espaço.

Cada território sugere uma territorialidade, sendo a marca ou característica de um povo, a qual acaba servindo como uma forma de identificação. Ainda se define o território usado como sendo “o espaço de todas as dimensões do acontecer, de todas as determinações da totalidade social” (SANTOS, 2000).

O território significa materialidade e imaterialidade ao mesmo tempo, não é constituído apenas por formas nem apenas por relações sociais: as favoráveis relações são materiais e imateriais, transformam e continuam na vida cotidiana. Sendo os territórios distinguidos e legitimados por meio dos atores que, efetivamente, exercem poder; que, de fato, controlam o espaço pela territorialização, é imperativo entendermos como se dá o controle territorial.

Nas palavras de Haesbaert (2005, p. 167) tem-se que:

Todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (“lar” para o nosso repouso).

Com uma definição mais precisa, Haesbaert argumenta que:

O território, enquanto relação de apropriação e/ou domínio da sociedade sobre o seu espaço, não está relacionado apenas à fixidez e à estabilidade (como uma área de fronteiras bem definidas), mas incorpora como um de seus constituintes fundamentais o movimento, as diferentes formas de mobilidade, ou seja, não é apenas um “território-zona”, mas também um “território-rede”. (HAESBAERT, 2006, p. 118)

O território em si mesmo é uma área geográfica, mas, usado, torna-se um produto social habitado pelo homem em ações de ocupação de lugares conectados ao mundo moderno. Para entender o território precisamos entender as ações dos seus moradores do passado e presente, e por que uma ação não pode ser entendida sem a outra.

Para Santos (2000), “o território em si não é uma categoria de análise (...) o território usado que é uma categoria de análise”, e ainda define o território usado como sendo “o espaço de todas as dimensões do acontecer, de todas as determinações da totalidade social”.

Deste modo, o “Beiral” é produto de uma produção coletiva. Por conseguinte, ela é parte ativa da coerência social. O compartilhamento de experiências e de uma história corriqueira faz com que cada indivíduo isolado se sinta parte de uma sociedade, o homem não vive sem territórios.

Haesbaert (2006) mostra que, na verdade, os territórios ao longo da história sofreram transformações em suas formas e dinâmicas - fluxos, bem como aumentou a complexidade dos seus componentes e de suas relações, ou seja, as multiterritorialidades. Potencializa-se, no atual momento da globalização, novas territorializações e a experimentação do mundo das simultaneidades de território.

Para Santos (2002), o território é uma extensão apropriada e usada; já a territorialidade seria o ato de pertencer àquilo que nos pertence, ou seja, uma preocupação com o destino dentro da própria área de vivência e reprodução.

O conceito de territorialidade foi definido em 1920 pelo ornitólogo inglês, H. E. Howard, como sendo "a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo contra os membros de sua própria espécie", Raffestin (1993). A territorialidade corresponde, então, às ações e práticas desenvolvidas por vários agentes sociais em uma determinada área geográfica; grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo o seu próprio espaço.

Corrêa (1995) argumenta que esses grupos se transformam em agentes produtores quando invadem uma área da cidade, construindo uma territorialidade autêntica e, mesmo caracterizada pela pobreza e informalidade, apresenta-se como um enclave de poder singular, resistente a processos políticos e econômicos de exclusão social.

A territorialidade confere, a partir das relações entre os diferentes agentes sociais, relações estas que são permeadas por interesses distintos, cujas ações para atingi-los torna visível um caráter de conflito, de resistência, que envolve o uso do território. Nessa perspectiva, a liderança desempenhada por determinados agentes advém, sobretudo, de sua capacidade de mobilizar os recursos e instrumentos capazes de auxiliar na realização de seus interesses.

A territorialidade de Haesbaert (1995) configura-se por tendências gerais de diferencialidade das formas espaciais, ao passo que se desterritorializa pela mobilidade das forças produtivas e pela perda de identidade, na medida em que se mundializam as relações sociais e econômicas de cada lugar.

Territorialidade para Corrêa (1998) refere-se ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um dado território por um determinado agente social. Porém, Haesbaert (2004) aplica de certa forma uma solução para esta discussão. São as multiterritorialidades, diferentes formas com que os territórios se apresentam dentro do espaço.

Para Andrade (1994), a expressão territorialidade pode ser encarada tanto quanto o que se encontra no território e está sujeita à gestão deste, como – ao mesmo tempo – ao processo subjetivo de conscientização da população de fazer parte de um território, de integrar o território. Os territórios são construídos e desconstruídos socialmente; podem ter um caráter permanente, mas também uma existência recorrente, periódica.

As territorialidades formam-se e dissolvem-se, constituem-se e dissipam-se de modo relativo (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente

anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular, mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo (SOUZA, 2010).

Quanto a essas territorialidades acabamos por entendê-las nos formatos propostos por Raffestin (1993), ou seja, em uma perspectiva relacional: a territorialidade é, assim, maneira pela qual as sociedades se satisfazem num determinado momento, para um local, uma carga demográfica e um conjunto de instrumentos também determinados. Isso quer dizer que ela é uma construção entre atores sociais de um território, dessa maneira ativa e positiva, já que ela visa incluir o sujeito.

Percebendo a territorialidade como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo em vias de alcançar a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema, estamos assinalando-a como um processo, ou seja, como algo dinâmico. E esse acontecer da interação entre os sujeitos do território envolve sempre uma relação com o outro. Raffestin (1993) é enfático ao ponderar que esse outro não se trata só do “espaço modelado”, senão dos indivíduos ou grupos que aí se inserem.

Analisamos a territorialidade como uma percepção mais ampla do território, tanto pertencente a territórios já formados quanto como condição teórica para a sua existência. Contudo, observamos territorialidades a todo momento, objetiva ou subjetivamente, e essas territorialidades combinam diferentes temporalidades. As territorialidades são entendidas como ações que são produzidas pelos diferentes agentes, em diferentes escalas.

Ele constitui um lugar de vida. Este processo é condicionado e gera as territorialidades, que são todas as relações diárias que efetivamos (i) materiais, no trabalho, na família, na igreja, nas lojas, nos bancos, na escola etc. Estas relações, as territorialidades, é que constituem o território de vida de cada pessoa ou grupo social num determinado espaço geográfico. (SAQUET, 2006, p. 62).

A territorialidade configura-se a partir dos elementos que consolidam essa definição de território através de representações materiais e imateriais em que as práticas desenvolvidas por diversos agentes sociais garantam a permanência e utilização desse território para seus interesses (ANDRADE, 1996).

A territorialidade está acoplada a um conjunto de práticas e suas demonstrações materiais e simbólicas, capazes de garantir a apropriação e constância de um dado território

por um determinado agente social. Os múltiplos movimentos de tomada e resistência territorial comprovam pouco do real de uma determinada área.

Ressaltar a territorialidade no acontecer de todas as atividades cotidianas, esteja no espaço do trabalho, do lazer, da família etc., na decorrência e no categórico do processo de produção de cada território, de cada lugar; é múltipla e, por isso, os territórios também o são, manifestando-se a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações. A territorialidade do espaço é um exemplo, leva em consideração as diferentes relações, como sendo a base para a formação do espaço produtivo.

Para Raffestin (1993), a territorialidade vai além da mera relação homem-território, uma vez que, para além da demarcação de parcelas individuais, há a relação social entre os sujeitos sociais, identificadas como um conjunto de relações originadas na tríade sociedade-espaço-tempo. Assim, a territorialidade procede de uma construção social provinda das relações sociais na conformação do território.

A territorialidade compõe-se de temporalidades; é resultado da condição dos processos sociais em influência mútua com a natureza exterior ao homem; é abalizada pelo movimento de reprodução de relações sociais e por uma complexidade cada vez maior nas forças produtivas.

Na visão de Castells (1999), ao abordar diferentes formas de origens em construção de identidade, pode-se definir diferentes formas de origens e construções de territorialidades, cada forma de territorialidade como tendo um conteúdo e uma identidade que é a fonte de significado e experiência de um povo. Sob esse ponto de vista, toda identidade é estabelecida, porém o principal é entender como, a partir de que, por quem, e para que isso ocorre.

No contexto das territorialidades, cujas diversas relações que ocorrem de forma interna na combinação de uma conformidade, são expressas no “Beiral”, a partir de diferentes caminhos, identidades e histórias de vida que cada pessoa carrega. São as territorialidades efetivadas pelo homem.

Á ação do homem está explícita na territorialidade sobre o ambiente. Este produz território e é um fenômeno social que envolve indivíduos, os quais fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Entender a forma como as relações sociais são vistas neste território constitui-se como uma possibilidade aberta e pertinente na relação das sociedades com o espaço.

As territorialidades são constituídas por três formas básicas: as formas de expressão de poder, associados a objetivos comuns dos participantes do grupo; a identificação simbólica do território para seus componentes; e os meios de comunicação com o exterior. Para tanto a territorialidade deve ser reconhecida, por conseguinte, como uma ação, uma estratégia de controle e pode ser vista ainda como um fenômeno de organização do espaço em territórios diversos, considerados exclusivos por seus ocupantes.

Sucessivamente, a territorialidade pode ser entendida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional, sociedade, espaço e tempo em vias de atingir a maior autonomia possível e compatível com os recursos do sistema (RAFFESTIN 1993).

## 2 - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O atual estado de Roraima tem sua gênese na antiga fazenda Boa Vista, implantada em 1830 e transformada em município em 1890 como ação estratégica para a consolidação da geopolítica amazônica na fronteira setentrional do país. (VERAS, 2009).

Já na década de 30 do século XX, ainda sob a jurisdição do Estado do Amazonas, diz que essa região viu-se excluída do cenário nacional, uma vez que os esforços de industrialização, iniciados nos anos 30, concentraram-se no Sul e sudeste do país. Consequentemente, esse processo não chegava nesta região. (VERAS, 2009, p.19).

A partir de 1943, foi criado o Território Federal do Rio Branco, cuja área foi desmembrada do Estado do Amazonas. Passou a chamar-se Território Federal de Roraima a partir de 13 de setembro de 1962.

Em 1944, a cidade estava sendo urbanizada pelo então governador do território, Capitão Êne Garcez dos Reis, com base no plano geral traçado pela firma Darcy A. Derenusson, dentro de um processo de localização em que a proximidade torna-se fator preponderante. Inúmeras atividades, principalmente as de comércio e serviços, conformam os centros urbanos – lugares privilegiados de trabalho, do consumo e das trocas, a partir dos quais se estrutura o ir e vir cidadão, embora tendente à centralização e sem capacidade suficiente de suprir a demanda da cidade. . (VERAS, 2009, p.20).

Em 1962, passou a denominar-se Roraima. Sua ocupação efetiva só ocorreu graças à descoberta de ouro e diamantes. Em 5 de outubro de 1988, com a promulgação da nova Constituição do País, o Território foi transformado em Estado da Federação.

A criação da freguesia de Nossa Senhora do Carmo, em 1858, transformada em município de Boa Vista em 1890, consolidou a organização local.

Boa Vista é a única capital brasileira localizada totalmente no hemisfério norte. O município está localizado, segundo dados do (IBGE 2010), na porção centro leste do Estado, na mesorregião norte e microrregião Boa Vista, situado entre as coordenadas geográficas de 02° 49' 11" N, 60° 40' 24" O, com altitude média de 85m. Possui uma extensão territorial de 5.687 km<sup>2</sup>. Boa Vista ocupa posição privilegiada no Estado, fazendo limite com a maior parte dos municípios roraimenses.

Boa Vista, se concretizou no amanhecer do século XX, tornando-se capital do território federal em 1943 e de estado em 1988, Boa Vista teve sua evolução de povoado a uma

importante cidade na fronteira. Para se tornar um centro urbano e esta cidade de hoje, Boa Vista teve uma extensa e rica trajetória.

Boa Vista passou por várias transformações dessa forma, as características são visíveis para seus moradores e são vistas como parte de uma dinâmica que se iniciou em 1890.

Na divisão política e administrativa, no ano de 1911, a área do município de Boa Vista era composta apenas por sua sede, condição que permaneceu no recenseamento de 1920. No ano de 1926, a vila, distrito sede do município, foi elevada à categoria de cidade, se tornando cidade-sede de município e, em 1938, ocorreu à simplificação do nome passando a se denominar somente Boa Vista, sendo acrescido de dois distritos: Caracará e Murupu. (SILVA, 2007, p. 102).

O contingente populacional de Boa Vista corresponde cerca de 65% da população total do Estado (IBGE 2010). A cidade de Boa Vista é composta pelas zonas urbanas Norte, Sul, Leste, Oeste, Norte e o Centro e composta por 55 bairros (Apêndice A). As zonas urbanas Norte e Sul são as menos ocupadas abrangendo poucos bairros como:

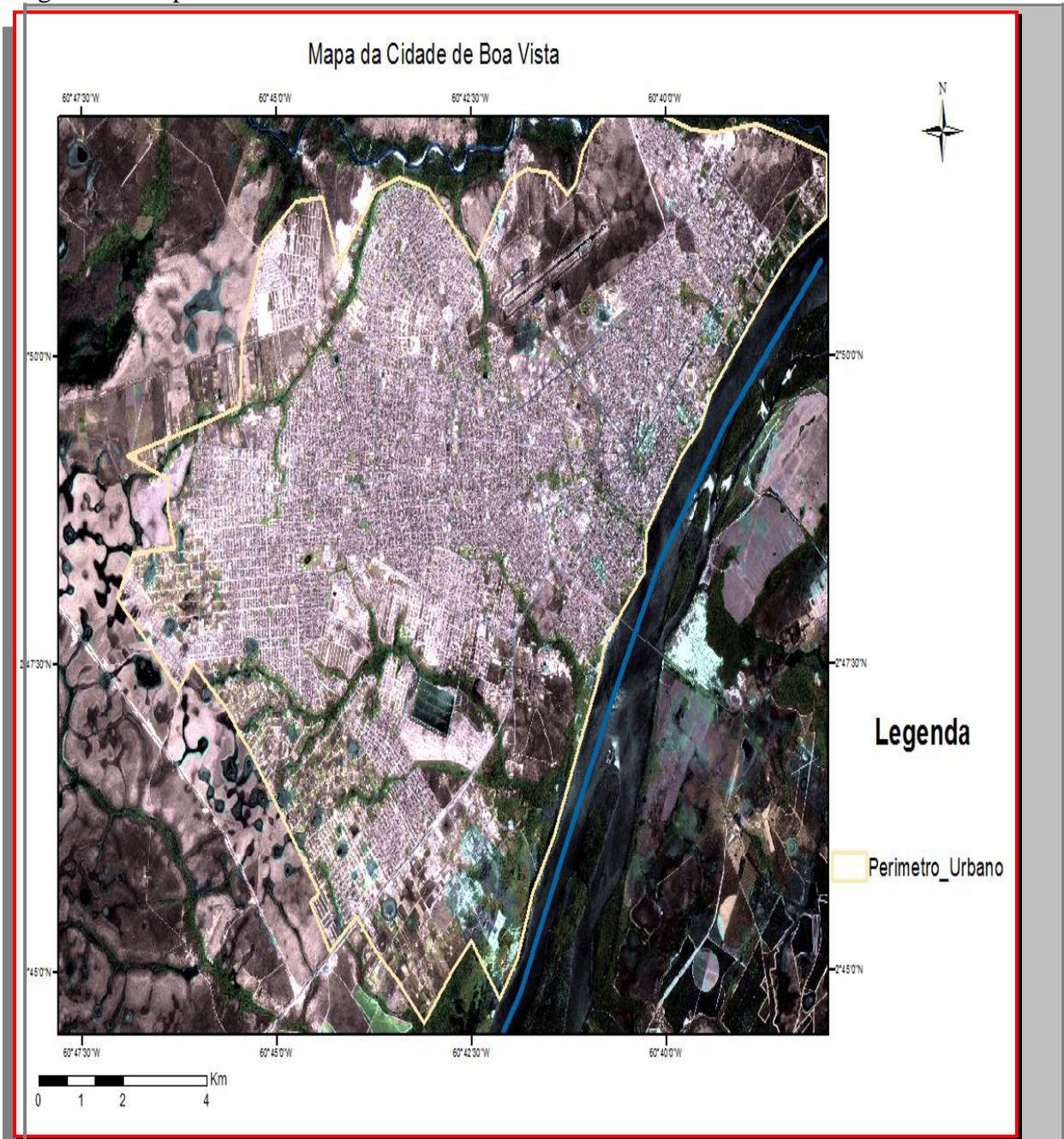
**Zona Norte** corresponde 8,615% da população do município de Boa vista com bairros: 31 de Março, Aeroporto, Aparecida, São Francisco, Paraviana e Estados.

**Zona Sul** corresponde 4,90% da população do município de Boa vista: 13 de Setembro, Calungá, São Vicente, Marechal Rondon e Calungá.

**Zona Leste** corresponde 1,78% da população do município de Boa vista com os bairros: Caçari, Canarinho, Cinco de Outubro e São Pedro.

**Zona Oeste:** corresponde 82,6% da população do município de Boa vista estão localizados na Asa Branca, Alvorada, Equatorial, Nova Canaã, Bela Vista, Buritis, Caimbé, Cambará, Caranã, União, Centenário, Cinturão Verde, Jóquei Clube, Jardim Equatorial, Santa Luzia, Senador Hélio Campos, Jardim Primavera, Tancredo Neves, Piscicultura, Santa Tereza, Jardim Floresta, Jardim Tropical, Jóquei Clube, Liberdade, Mecejana, Pintolândia, Pricumã, Raiar do Sol, Dr. Silvio Botelho, São Bento, Cidade Satélite, Olímpico, Operário, Doutor Airton Rocha, Laura Moreira, Murilo Teixeira, Nova Cidade, Bela Vista, Raiar do Sol e Governador Aquilino Mota Duarte. E o Percentual da população do centro é 1,85 % de habitantes. Conforme podemos observa na (Figura 01) o mapa da Cidade de Boa Vista com todos seus bairros.

Figura 01: Mapa da Cidade de Boa Vista



Elaborado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2014

O “Beiral”, área de estudo, está localizado à margem direita do rio Branco, em Boa Vista-RR. O Rio Branco possui aproximadamente 584 km de extensão sendo um dos principais afluentes do rio Negro que por sua vez é afluente do rio Amazonas.

O “Beiral” é considerado pela Prefeitura Municipal de Boa Vista uma área de interesse social e não como bairro, pois de acordo com a Lei n. 1.117, de 31 de dezembro de 2008, publicada no Diário Oficial do Município de Boa Vista, este espaço é considerado uma Área Especial de Interesse Social, no que diz o plano diretor do município de Boa Vista, as áreas sujeitas à regularização fundiária e urbanística são aquelas passíveis de serem declaradas como Áreas de Especial Interesse Social – AEIS. O “Beiral” ocupa uma área de 1.356.159,31 metros quadrados e 5.528,60 metros de perímetro.

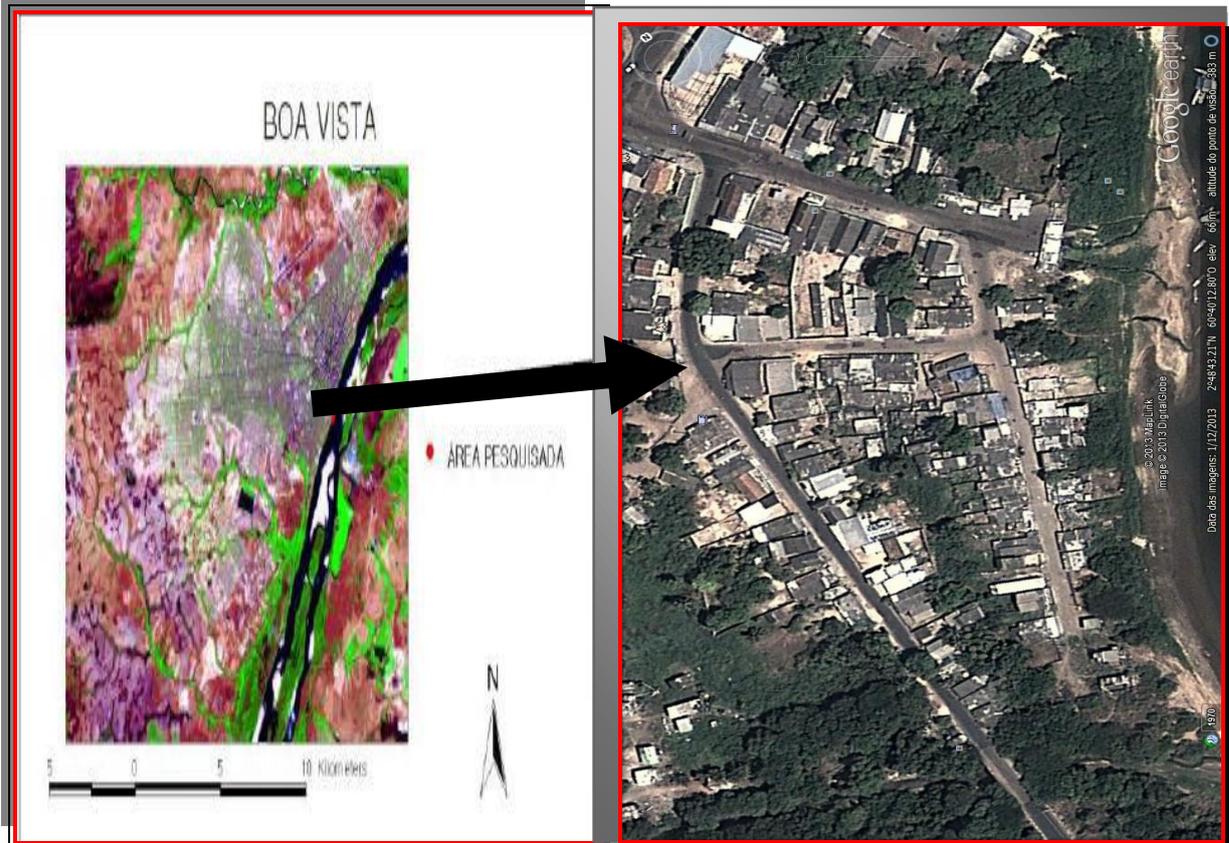
As famílias beneficiadas vivem nesta área de interesse social, que são faixas territoriais selecionadas pela Prefeitura como locais prioritários para investimentos públicos. Essas áreas reúnem, principalmente, famílias de baixa renda que precisam do apoio do poder público.

Para analisar as territorialidades do “Beiral” foram feitos trabalhos de campo como a observação do cotidiano dos moradores. As territorialidades são construídas com Ações Sociais Fixas: Pastoral da criança, Igreja da Paz e o PETI e as Ações Temporárias que são realizadas esporadicamente por voluntários. De acordo Raffestin (1993) “a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais recolocadas em seu contexto sócio histórico e espaço-temporal”. Na (Figura 02) podemos observar a localização geográfica da área de estudo.

O texto da lei 1.117/2008 pressagia também a implementação de serviços de infraestrutura, com a finalidade de oferecer um novo perfil ao “Beiral”, melhorando as condições estruturais deste espaço, cumprindo o recomendado no Plano Diretor Estratégico e Participativo de Boa Vista e no Estatuto da Cidade.

Á referida lei faz parte do trabalho que visa melhorar as condições estruturais do Centro Histórico de Boa Vista, do qual o “Beiral” faz parte. Uma das prioridades é garantir condições de moradia mais digna às famílias que vivem neste lugar.

Figura 02: Mapa de Localização da área de estudo



Elaborado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2014

Quando buscamos analisar a dinâmica geográfica de um espaço, observamos que cada indivíduo o percebe a partir de seu ponto de vista, pois os mesmos se apresentam com características distintas, e com suas especificidades.

Compreender a dinâmica do “Beiral” requer uma reflexão sobre os processos históricos que contribuíram para sua expansão e sua permanência, mesmo que este não seja reconhecido oficialmente como bairro e esteja localizado na área central da cidade de Boa Vista.

Apesar dessa realidade econômica e social, o “Beiral” está localizado na área central da Cidade de Boa Vista, mas lhe condiciona particularidades de segregação, isto é, concentra uma população de baixa renda em uma excelente área, tendo características singulares diferenciando-o do entorno de suas proximidades.

O “Beiral” surgiu na década de 1930, quando os primeiros moradores começaram a erguer as residências. Baseado no trabalho de perfil socioeconômico da Prefeitura Municipal de Boa Vista (2010), observamos que esse lugar concentra moradores de baixa renda e a

média de salários por famílias é de 750,00 reais, residindo em construções simples, (Figura 03). Em contrapartida, contrasta com a zona leste, o bairro Caçari (Figura 04), cuja média de salários por famílias é de 3.148,17, a maior da cidade de Boa Vista – RR (IBGE - 2010).

Figura 03: Construções de residência do “Beiral”

Figura: 04: Bairro Caçari



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

De acordo Guerra (1957) na década de 50 a cidade era dividida em 05 (cinco) bairros: Porto da Olaria (hoje, bairro São Francisco e “Beiral”), localizado entre a atual Praça Barreto Leite e o Calungá. Sua designação é em decorrência de existir uma série de olarias na parte baixa da margem direita do rio Branco. Rói-Couro (constituía-se uma parte do que hoje é denominado bairro São Pedro e Centro).

Caxangá: (o bairro faz parte da atual área central da cidade) estava localizado no setor meridional da cidade, à margem do igarapé de mesmo nome. Centro: (é o bairro onde se localiza o setor comercial indutor da cidade hoje) considerado como o mais importante para a

vida da cidade e Praça da Bandeira: de acordo a Praça da Bandeira foi à designação genérica dada à área que se estendia da praça homônima até o bairro do Rói-Couro.

Já chamava atenção Guerra (1957), que no “Beiral” algumas casas eram construídas sobre estacas para evitar a “alagação” provocada pelo rio Branco, na ocasião do “inverno”. Aliás, é necessário acentuar que as casas palafitas existem nesta localidade até nos dias atuais. A razão da construção desse tipo de casa sobre estacas advém do fato de o bairro ter-se desenvolvido, na parte baixa junto à margem direita do rio (Figura 05).

Figura 05: Palafitas no “Beiral”



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

Apesar da precariedade e da simplicidade das construções e das condições de infraestrutura da área, foi observada a existência de residências de alvenaria e madeira, que

algumas são palafitas, são inadequados às reais condições de moradia para uma família. No entanto, foi constatado que são frutos de autoconstrução e não atendem aos mínimos padrões de planejamento. Corrobora, por outro lado, o sacrifício extra a que os moradores se submetem para conseguir construir suas casas, de até um cômodo, onde vivem todos os membros da família.

Vale ressaltar que até nos dias atuais ainda existem inúmeras palafitas feitas de forma improvisada próximas do igarapé Caxangá, que é o limite do “Beiral” para o bairro Calungá, na (Figura 06) o recorte espacial é no final da Rua Ajuricaba ao lado da sede do PETI.

Figura 06: Palafitas no “Beiral”



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

Observou na pesquisa de campo no “Beiral” em Agosto de 2013 na Rua Cecília Brasil a existência de tipologias de feições de residência diferentes. (Figura 07).

Figura 07: Residências no “Beiral”



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

## 2.1 - AS TERRITORIALIDADES DO “BEIRAL”

O “Beiral” comporta diferentes motivações e valores individuais e coletivos, os quais são concorrentes na ocupação e utilização do território. O conceito de territorialidade segue a evolução do conceito de território fazendo referência à individualidade e a subjetividade inerente aos fenômenos e eventos relativos ao homem. É uma tática de um indivíduo ou de um grupo para afetar ou influenciar pessoas, fenômenos e relações através da delimitação e do controle sobre uma determinada área geográfica, área essa entendida como território.

Deste modo, variadas são as escalas onde a territorialidade pode ser averiguada, ao se desenvolver uma investigação sobre a territorialidade é indispensável considerar seu caráter

cumulativo, pois a territorialidade do “Beiral” é construída socialmente e seu uso histórico tem sido realizado de forma cumulativa desde sua implantação da década de 1930.

Haesbaert (1999) afirma que a identidade é importante para perceber a dinâmica do território. Nesta acepção pode ocorrer que as novas identidades surjam de forma consciente ou não, de contra posição a este processo excludente. Idealiza a identidade como um processo reflexivo construído por relações sociais.

As identidades são estabelecidas e manejadas constantemente a partir das relações sociais estabelecidas em diferentes grupos com que os indivíduos convivem em seu cotidiano. É com sua identidade e vivência habitual que os moradores do “Beiral” são lançados em múltiplas realidades que surgem como habituais, perante delas, têm atitudes naturais e ordenadas. É, além disso, na vivência do seu espaço que os homens constroem o mundo e se interessam por ele, porque é este mundo que lhes está ao alcance.

E a identidade se estabelece através das relações sociais, que ao serem concretizadas no espaço que criam identidade; podemos dizer que se trata mesmo do processo de humanização do espaço, de sua territorialização.

É preciso ter sutileza e habilidades, pois cada sociedade produz seu(s) território(s) e territorialidade(s), a seu modo, em consonância com suas normas, regras, crenças, valores, ritmos e mitos, com suas atividades cotidianas (SAQUET, 2007).

Ponderar sobre a territorialidade implica conhecer a importância estratégica do espaço e do território na dinâmica transformadora da sociedade e do espaço da cidade de Boa Vista em particular o “Beiral”. A territorialidade é fundamental para a construção da identidade, e na organização da vida cotidiana dos moradores do “Beiral”.

No entanto, buscar-se-á medir a acepção das intervenções urbanas que ocorreram preferencialmente na área central dessa cidade, com o interesse estratégico de (re) valorização da posição geográfica, vinculada à concentração de capital e atuação de diversos agentes que produzem a transformação urbana da cidade.

As territorialidades se promulgam, conseqüentemente, a partir das práticas espaciais (dos diferentes sujeitos e grupos sociais) que se concretizam durante o uso e consumo do território e, de um modo geral, confirmam, em maior ou menor grau (de acordo com o impacto socioespacial ocasionado por essas práticas), com o processo de produção do território.

O “Beiral” é marcado pelo saber dos seus moradores ao longo do tempo, o sentimento de pertencimento e o acúmulo de tempos e histórias individuais constituem este espaço. As transformações percebidas ocorrem de forma dinâmica, transformacional, capaz de acumular valores significativos para a compreensão do contexto do “Beiral”. As territorialidades do “Beiral” é algo forte dentro da cidade de Boa Vista, são diferenciadas dos remanescentes dos espaços da cidade, onde as territorialidades são as representações dos tipos de uso dos territórios.

No dia-a-dia do “Beiral” as territorialidades são diferenciadas, e tem característica como casas simples e de palafitas que marcam a historicidade desta porção do espaço da cidade de Boa Vista. Desse modo, as territorialidades constroem o território, numa relação de interação.

A territorialidade também obriga oposições, contradições como é na vida cotidiana, sendo que a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais colocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal. (RAFFESTIN, 1993).

Num primeiro momento, identificamos os donos de bares-lanchonetes e vendedores ambulantes e, no segundo, as famílias, as garotas de programa, o tráfico e a feira do peixe como as territorialidades do “Beiral” em interseção entre a sociabilidade e a necessidade de sobrevivência. Historicamente o “Beiral” têm diversas territorialidades flexíveis como: as territorialidades dos pescadores, garotas de programa, tráfico de drogas e igrejas.

#### **a) Os pescadores/vendedores de peixes**

Ainda é uma importante fonte de subsistência para as famílias do “Beiral”, pois alguns dos peixeiros estão neste lugar mais de vinte anos, e uma das territorialidades do “Beiral”, que funciona de 07h00 min horas às 20h00 min horas de segunda a sábado e no domingo 08:h00 das até 15:h00, na (Figura 08) podemos observar o local do peixe. E depois deste horário, este local funciona como um ponto de reuniões de pessoas.

Segundo os moradores um dos meios de subsistência das famílias era a pesca. E em 1970, iniciam a organização de “colônias de pescadores”, legalizada 1973, com 72 pescadores associados com carteirinha e estatuto; e atualmente conta com 700 associados. Conforme Senhor “Antônio, um pescador, disse: “esta colônia foi criada para acabar com os

atravessadores que quase tomavam os peixes dos pescadores, sendo que pescar era o único meio para sustentar seus filhos”.

As territorialidades do “Beiral” são espaços marcados pelas atividades sociais daqueles que o habitam e agem sobre ele. As distintas posições sociais que ocupam os atores e as transformações que ocorrem no tempo, fazem com que diferentes classificações sejam impostas aos mesmos objetos, no caso, segmentos do espaço feitos territórios.

Sendo assim, a conhecimento desta territorialidade do “Beiral” permearam compreender melhor, uma ou mais realidades, à medida que representam um ou mais modos de vida destes peixeiros e vendedores de peixes.

Figura 08: Ponto do Peixe do “Beiral”



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

## **b) As garotas de programa**

No caso da prostituição, a territorialidade é utilizada em um turno (no caso à noite) pelos profissionais do sexo, nos outros turnos, essa territorialidade é reestruturada por outras formas de relações e usos como comércios, residências e lazer.

A pesquisa nos proporcionou observar o caráter cíclico e temporário de mudanças no “Beiral” com suas territorialidades, como o exemplo da prostituição, configurado ao longo da Av. Cecília Brasil e Castelo Branco, protagonizado por prostitutas que se territorializam, em geral, por volta das 20 horas até 05 horas do dia seguinte, quando se tem uma mudança de cenário neste espaço, ou seja, os peixeiros chegam para trabalhar e a territorialidade muda.

Conforme diz Souza (1995. p. 88):

Os territórios da prostituição são bastante “flutuantes” ou “móveis”. Os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças; a criação de identidade territorial é apenas relativa, digamos, mais propriamente funcional que afetiva.

As práticas sexuais induzem a ocupação e delimitação de uma determinada porção do território para a realização de tal atividade, para isso, a construção de uma territorialidade é de vital importância para que um determinado grupo possa exercer um controle.

Destarte as diversas territorialidades exercidas pelas prostitutas no “Beiral”, só vem confirmar que a prática da prostituição, é, na realidade, uma relação de poder, por que as pessoas que ganham a vida prostituindo-se estabelecem um território onde se desenvolve esta atividade. (MATTOS; RIBEIRO, 1996).

A flexibilidade dessas territorialidades aceita a construção de novas identidades e conflito de poder entre seus agentes produtores, dando a estes espaços funções abalizadas e também flexíveis, produzidas pelas prostitutas que se apropriam dele e lhes dá outras características.

Durante o dia as ruas são tomadas por outro tipo de pessoas, típico do movimento diurno desse território: pessoas trabalhando ou fazendo compras em estabelecimentos comerciais, escritórios e pequenas mercearias e bares, além dos moradores das imediações.

As territorialidades do “Beiral”, além de incorporar uma dimensão política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intensamente ligada ao modo como as pessoas utilizam o território, como elas se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar.

A territorialidade de um lugar surge constituída de relações mediatizadas, harmônicas ou assimétricas com a exterioridade incluindo elementos de identidade, exclusividade e de limite. Haesbaert (2007) afirma também a territorialidade, como um componente do poder,

não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado.

De tal modo confiamos que a territorialidade além de congregar uma dimensão política, também aciona relações econômicas e culturais, pois está de acordo com a forma que as pessoas utilizam o território, organizam o espaço e como sentem o lugar.

### **C) Igreja**

O “Beiral” teve influência da igreja católica na criação deste território, com os padres salesianos e beneditinos. Na (Figura 09) a igreja tem um trabalho com a comunidade aos sábados dando palestras para as senhoras e cursos como de marcenaria, artesanato e bordados etc..., com isso os moradores mudam a rotina no sábado desta comunidade.

Nesse contexto a territorialidade deve ser reconhecida, portanto, como uma ação, uma estratégia de controle. Torna-se importante compreender o fenômeno religioso nesta totalidade, isto é, interpretar a “poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas sobre territórios que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus” (ROSENDAHL, 1996).

Como os projetos da igreja já duram anos, os moradores do “Beiral” principalmente das ruas Castelo Branco e Travessa José Coelho criaram relações de afetividade constituídas entre os participantes da comunidade e os membros da igreja católica.

Um olhar geográfico sobre o “Beiral” nos fez perceber que os indivíduos estão sendo permanentemente reconstruídos a partir das relações que mantêm com os moradores do local ou com pessoas de outro bairro.

A territorialidade proposta por Haesbaert (2007) é definida como uma estratégia de controle sempre vinculada ao contexto social na qual se insere. É uma estratégia de poder e manutenção independente do tamanho da área a ser dominada ou do caráter meramente quantitativo do agente e dominador; territorialidade é obtida por um conjunto de analogias instituídas e dinamizadas diariamente, compreendendo versas e relações sociais como o lazer, ociosidade e trabalho.

Figura 09: Local do “Beiral” assistido pela Igreja Católica



Fonte: Igreja Católica 2010

Territorialidade religiosa, por sua vez, constitui um conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado cogita uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútua. A territorialidade religiosa compõe-se, portanto, de arcabouço peculiar, incluindo um modo de distribuição espacial.

Quanto ao conceito de territorialidade religiosa, Rosendahl (2005) diz: “Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder. Do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútua”.

A Igreja Católica conduz os projetos do “Beiral” alguns anos, nas ruas Castelo Branco e Travessa José Coelho, que criaram relações de afetividade constituídas entre os participantes da comunidade e os membros da igreja católica.

Um olhar geográfico sobre o “Beiral” nos fez perceber que os indivíduos estão sempre em aprendizado a partir das relações que mantêm com os moradores do local ou com pessoas de outros bairros.

A Igreja da Paz também muda a territorialidade do lugar, todos os sábados fazendo reuniões com as crianças e adolescentes, promovendo peças de teatro. O projeto de teatro da Igreja é voltado para atender esse público, por entender que contribui para o desenvolvimento do “Beiral”.

O Sr. Raimundo, professor de teatro da Igreja, afirma que “Essas peças de teatro buscam o que há de mais precioso nas pessoas, já que promovem ações que desenvolvem a sociabilidade, a convivência familiar e comunitária, e o acesso a melhores condições de vida” (informação verbal/2013).

Apesar de a Igreja Católica e a Igreja da Paz estarem presentes no “Beiral”, não foi encontrada nenhuma sede dessas instituições. A única sede estabelecida ali é da Igreja Missionária Milagres de Vida (Figura 10).

Figura 10: Igreja Missionária Milagres de Vida



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

#### **d) O tráfico de drogas**

No caso do tráfico de drogas, as territorialidades constituem uma malha muito complexa, uma vez que, nesse caso, estão relacionadas não só os pontos de venda de drogas, mas também às disputas entre organizações do crime sobre o comando e os deslocamentos ou fluxos das drogas.

Em consequências disso, para a coordenação do tráfico e expansão da violência urbana, faz-se necessário uma desorganização espacial e uma massa desprovida e necessitada que contornem a mão de obra farta e descartável para o tráfico. Em destaque, temos a composição da territorialidade do tráfico de drogas como resultado não apenas das relações de poder decorrentes do código de conduta dos traficantes para com a comunidade e entre si, bem como do próprio uso da força pelos agentes que o compõem (SOUZA, 1996).

A identificação do local de morada do homem não depende apenas dos indivíduos, mas também de como o restante da cidade os veem. O cotidiano é um elemento importante para a construção ou destruição de territorialidades. Ainda para Souza (2003) a territorialidade é o reflexo das relações multidimensionais entre o vivido e o território, de um poder exercido pelos membros de uma coletividade.

As territorialidades do “Beiral” se mantêm associadas às relações de poder e se apresenta como a tentativa de constituir um território, nem sempre materializável, através de fronteiras bem delimitadas para outros bairros. As disputas de grupos pelo controle do tráfico de drogas no local é um dos exemplos de como a territorialidade pode se constituir.

Mas, para entendermos o tráfico de drogas e a violência, que têm grande destaque em nossa cidade, é preciso analisar o processo de produção e a posterior reprodução do espaço. Isso repercute no território aqui, entendido como o espaço apropriado por um ator, sendo definido e delimitado por e a partir de relações de poder, em suas múltiplas dimensões.

A territorialidade está demarcada desta maneira e é empregada como referência para distinguir seus usuários como pertencentes a uma rede de relações e, para pertencer a esta rede, é preciso que se cumpram determinadas regras de convivência.

Avalia-se o tráfico a partir de suas relações de sociabilidade, que buscam impregnar, através de diversos mecanismos, desde a coerção direta ao morador do local, ou seja, através do seu poder consolidado, bem como em sua atuação de agente apaziguador, representado por benfeitorias, uma forma de suprir algumas necessidades básicas da população local.

O grupo detém o domínio de certa territorialidade do “Beiral” e se apresenta como agente funcional para a comunidade, visando, em constituir as bases para o desempenho de suas atividades, ou seja, buscando conseguir uma territorialidade consentida pela população local de verdadeiros territórios fechados.

## 2.2 - AÇÕES SOCIAIS FIXAS NO “BEIRAL”

Assistência Social é a política de proteção social responsável por agir junto à parcela da população atingida por situações, contextos ou processos produtores de vulnerabilidade social, Abramo (2005). São diversos os fatores de vulnerabilidade social: a carência ou precária renda; o trabalho informal incerto e o desemprego; o difícil ou nulo acesso aos serviços das diversas políticas públicas; a perda ou fragilização de vínculos de pertencimento e de relações sócio familiares e as discriminações.

Todavia, esses processos geográficos são de difícil delimitação e demarcação e de fácil identificação, pois são as ações sociais que são feitas em um determinado espaço. A territorialidade tem um papel importante na constituição de grupos sociais, por isso é fundamental perceber a territorialidade nestas ações sociais.

Nessas territorialidades, há prosseguimentos e descontinuidades no tempo e no espaço, as territorialidades desses moradores estão intimamente ligadas com o seu lugar: elas dão-lhes identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar.

Dos projetos sociais que atuam diretamente dentro da territorialidade do “Beiral” foram encontrados: Pastoral da Criança, Igreja da Paz e Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil (PETI).

### **a) Pastoral da Criança**

É um programa realizado pelas irmãs missionárias e alguns voluntários desde 1983 e ocorre sempre no último sábado de cada mês na sede do Oásis Divino Mestre (sede alugada pela pastoral da criança) na Rua Castelo Branco. Ali, atendem vinte e duas famílias, com quatorze crianças até seis anos. Os serviços oferecidos são: pesagem para verificar se a criança está no peso adequado a sua idade, vacinas para as crianças de 01 a 06 anos, aferição de doenças para encaminhar para o hospital ou CERNUTRI (Centro de Recuperação

Nutricional Infantil), acompanhamento das gestantes para realizar o pré-natal, lanches (Figura 11).

Figura 11: Sede do Oásis Divino Mestre



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

#### **b) Igreja da Paz:**

A Igreja realiza seu trabalho na Escola Municipal Rio Branco inaugurada em 1990 (Figura 12) e fica localizada na Rua Castelo Branco, pois a Igreja não tem sede no “Beiral”. É na escola que concretiza o seu trabalho com as crianças e adolescentes todos os sábados, produzindo peças de teatro, reuniões bíblicas das 11:00 às 12:00h, mudando a vida, o cotidiano e as territorialidades dos moradores do “Beiral”.

Figura 12: Escola Rio Branco



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

### c) PETI: Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil

O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) articula um conjunto de ações para retirar crianças e adolescentes com idade inferior a 16 anos da prática do trabalho precoce, exceto quando na condição de aprendiz, a partir de 14 anos.

O Programa compreende transferência de renda prioritariamente por meio do Programa Bolsa Família, acompanhamento familiar e oferta de serviços assistenciais, atuando de forma articulada com estados e municípios e com a participação da sociedade civil.

Os objetivos do PETI são: Retirar crianças e adolescentes do trabalho perigoso, penoso, insalubre e degradante; possibilitar o acesso, a permanência e o bom desempenho de crianças e adolescentes na escola; fomentar e incentivar a ampliação do universo de conhecimentos da criança e do adolescente, por meio de atividades culturais, esportivas, artísticas e de lazer no período complementar à escola, ou seja, na jornada ampliada;

Proporcionar apoio e orientação às famílias por meio da oferta de ações socioeducativas (ADUAN, 2012).

A família que for inserida no PETI recebe uma bolsa mensal por filho que for retirado do trabalho. Para isso, as crianças e adolescentes devem estar frequentando a escola e a jornada ampliada; ou seja, em um período as crianças e adolescentes devem ir para a escola e no outro período devem ir para jornada ampliada, quando elas terão um reforço escolar, além de desenvolverem atividades esportivas, culturais, artísticas e de lazer.

O novo núcleo, que é o 12º do PETI na capital, funciona na travessa Ajuricaba, nº 36, no “Beiral”, de segunda a quinta-feira, das 8h às 10h e das 14h às 16h. As crianças e adolescentes participam de atividades esportivas, aulas de artesanato, capoeira, violão, futebol e hip hop. Ali são fornecidos lanches para todos que participam do programa.

Segundo o supervisor Alex Freitas, o PETI trabalha atualmente com 143 crianças de 07 a 15 anos. Porém, a meta é chegar a 300 crianças; e, como o “Beiral” não tem creche, o PETI cuida das crianças de 02 a 04 anos para as mães irem trabalhar. O PETI realiza cursos de corte e costura para as mães das crianças e adolescentes que participam do Programa.

Desde a criação do PETI, que foi inaugurado no dia 01 de julho de 2013, este é o primeiro núcleo localizado no “Beiral”, (Figura 13). E, durante a noite, toda semana, a sede do PETI funciona como Escola Império São Vicente. Na sexta-feira, o dia todo, funciona somente com escola de samba para a comunidade.

O PETI funciona com dois funcionários e três voluntários; a família poderá permanecer no Programa pelo prazo máximo de 04 anos, que passam a contar a partir da sua inserção em programa e projetos de geração de emprego e renda.

A melhora do trabalho infantil nesses anos estabelece uma conexão que merece evidência: o PETI teve papel fundamental para a diminuição dos índices de trabalho precoce no Brasil.

Figura 13: Sede do PETI

Recreação no PETI



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

### 2.3 - AÇÕES SOCIAIS TEMPORÁRIAS NO “BEIRAL”

No Beiral São realizadas também ações esporádicas pelas associações e movimentos para ajudar os moradores deste lugar. São elas: Ação Social pelo Movimento Ideológico Revolução, Ação Social Iverton Duarte, Mostra de cinema itinerante da Sede Boa Vista 2013, Mostra de cinema itinerante da Seda Boa Vista 2013 e Ação da Secretaria Municipal de Gestão Social (SEMGES).

Em 01 de Janeiro de 2013 houve uma ação social pelo Movimento Ideológico Revolução, um grupo formado por jovens de Igrejas Evangélicas. Este movimento busca trazer uma nova forma de socializar os jovens e ajudar famílias carentes de Boa Vista. Neste dia de ação social, no “Beiral” entregaram cestas básicas para os moradores, roupas realizaram e palestras na área de saúde. E, durante o ano, o Movimento retorna para saber sobre as famílias que eles ajudaram, pois é feito um cadastro das famílias.

No dia 15 de Junho de 2013, houve mais uma ação social no “Beiral” intitulada como Iverton Duarte (Figura 14), com corte de cabelo, aferição de pressão, doação de roupa, flúor nos dentes, sopão, depilação e exame de diabetes. Esta ação foi em conjunto com a Coordenação Municipal de Endemias e o grupo do Movimento Ideológico Revolução uma Proposta de Integração, para conscientizar a população das doenças de dengue, malárias e gripes.

Figura 14: Ação Social Iverton Duarte



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

O “Beiral” teve mais uma ação temporária dia 04 de julho, às 19h, a última Mostra de cinema itinerante da Seda Boa Vista 2013. A exibição foi composta por filmes independentes e da Programadora Brasil, cedidos pelo Sesc/RR. A atividade foi gratuita e aconteceu na Rua Cecília Brasil. Apresentados os filmes: Coração de Mãe, e Sangrentas Raízes, A Arte dos Filhos de Makunaima, Palhaços Também Choram.

Dia 28 de Setembro foi realizada mais uma ação temporária, das 8h às 12h pela Secretaria Municipal de Gestão Social (SEMGES). Consistiu-se numa ação realizada na sede do PETI (Figura 14), para ampliar o acesso da população aos serviços municipais, com atividades voltadas para os moradores do “Beiral”.

Figura 15: Local da Ação Social da Secretaria Municipal de Gestão Social (PETI)



Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

A comunidade se inscreveu em cursos profissionalizantes do Pronatec, no Cadastro Único do Governo Federal, e nos programas Bolsa Família e Minha Casa, Minha Vida. Também foram oferecidos serviços de saúde e de cidadania para a comunidade do local.

“O objetivo é resgatar as famílias para que tenham uma vida melhor e mais digna”, assegurou a secretária de Gestão Social, Tarciana Xavier. Os serviços oferecidos pela Secretaria Municipal de Saúde foram: aferição de pressão arterial, cálculo de índice de massa corporal, distribuição de preservativos masculino e feminino, teste rápido de HIV, sífilis, Hepatite B, vacinação, além de informações sobre prevenção e controle da dengue. Houve

ainda apresentação de fantoche e percussão com o ProJovem, Capoeira, brincadeiras lúdicas com o PETI e apresentação da bateria da escola de samba Império São Vicente. O quarto capítulo abordará os resultados das pesquisas de campo no “Beiral”.

### 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A interpretação dos resultados deu origem às figuras, que descreveram a percepção e o questionamento que os moradores do “Beiral” têm com sua realidade. Para isto foram realizadas 08 perguntas no questionário, com as quais pretendeu-se entender os costumes do “Beiral”, as relações sociais entre os moradores, as materialidades marcantes e as diferenciações espaciais. Os questionários foram fontes de informação sobre a vivência dos moradores e como eles discernem o seu local de morada e as territorialidades.

Fez-se a tabulação dos dados, para uma melhor visualização dos questionamentos que foram levantados e aplicados; as informações foram extraídas a partir dos questionários e das entrevistas e, por fim os dados foram coletados com o propósito de ser mais um elemento a contribuir para elaboração dos resultados e discussão da pesquisa.

Ao final, foram analisadas e interpretadas as perguntas, bem como elaboradas as figuras. No entanto, a obtenção de dados primários foi feita a partir de visitas “in loco”. Essa atividade nos possibilitou adquirir o máximo de informações sobre o “Beiral” e suas territorialidades.

Segundo Mattar (2005), dados primários são aqueles que ainda não foram antes coletados, estando ainda em posse do pesquisador. Eles são pesquisados com o objetivo de atender às necessidades específicas da pesquisa em andamento.

Os pontos de coleta de dados do “Beiral”, através dos questionários, foram todas as ruas e travessas que formam o perímetro do “Beiral” quais sejam: ruas Ajuricaba, Castelo Branco, Cecília Brasil, José Coelho, Cerejo Cruz e Travessas: Cunha, José Coelho, Castelo Branco, Bento Brasil. Foi percebido durante a pesquisa de campo que as placas das ruas do “Beiral” estão com o nome do Centro (Figura 16).

É preciso conhecer a história de Boa Vista, que surgiu de uma fazenda e, posteriormente, se estendeu à capital, para entender o “Beiral” e conhecer toda a história dos seus moradores. A espacialização das lembranças é que torna a memória mais consistente e passível de ser estudada.

Ao procurar compreender o recorte espacial da pesquisa, isso fez com que distinguimos como *locus* da vivência, da experiência do indivíduo com seu entorno com os outros homens. O “Beiral” traduz um espaço que é apropriado coletivamente no cotidiano de seus moradores.

Figura 16: Nome das ruas do “Beiral”: Cerejo Cruz e Ajuricaba



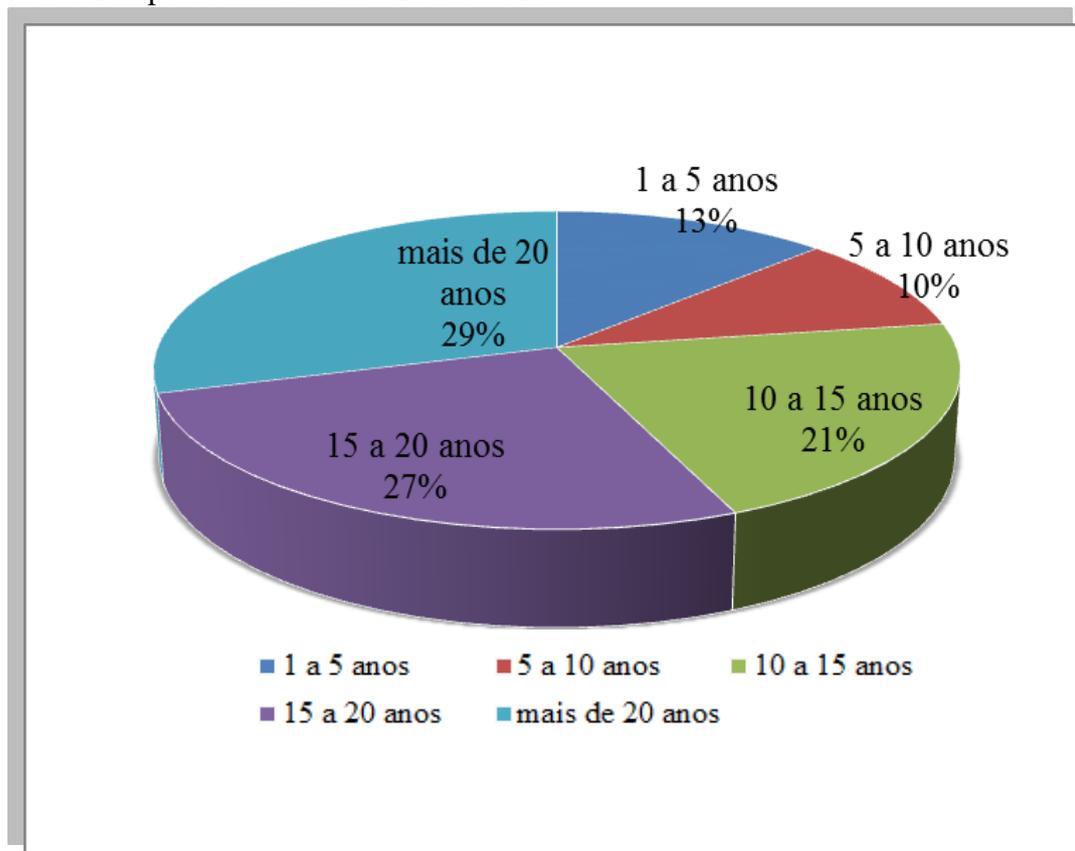
Fotografado: Maria Valdira de Azevedo Farias/2013

A cidade de Boa Vista é retratada como um espaço em movimento constante de coisas e pessoas, do encontro com o diferente de cada bairro, de local com ritmo de vida diferenciado de pessoas com suas territorialidades em cada espaço e território.

O “Beiral” apresenta intencionalidade, interesses pré-determinados pelos seus moradores que estabeleceram relação de afeição com este lugar. Logo, o lugar é uma criação dos seres humanos com finalidades para o homem, Tuan (1983). Tal espaço é concebido a partir de laços de vizinhança, solidariedade e amizade, e entende as percepções de moradores como uma tarefa complexa, mas não impossível.

As contribuições e opiniões dos moradores foram essenciais para aquisição de dados (Figura 17).

Figura 17: Tempo de moradia no “Beiral” /Ano



Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

Perguntados na entrevista, há quanto tempo os moradores residem no Beiral (Figura 17), 13% dos moradores disseram de 1 a 5 anos, 5 a 10 anos 10%, 10 a 15 anos 21%, 15 a 20 anos 27% e mais de 20 anos 29%. Isso se justifica porque muitos dos seus moradores receberam as casas como heranças de suas famílias.

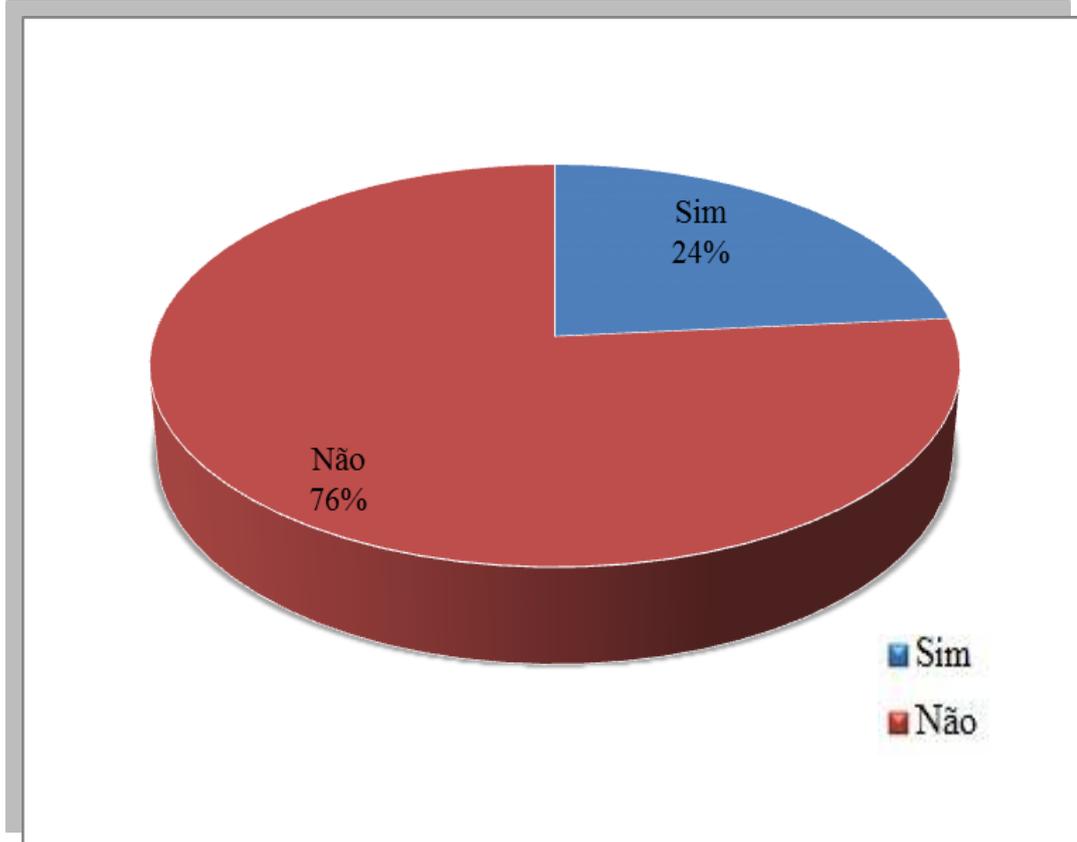
A compreensão apresentada neste estudo quanto ao nível de satisfação atual de uma família do “Beiral” com qualquer propriedade ou componente da sua qualidade de vida, a exemplo da moradia, é de que ela está diretamente atrelada às condições vivenciadas, tanto quanto às expectativas criadas para esse lugar.

Assim, a satisfação das famílias que moram neste lugar reflete as situações vivenciadas, bem como o sonho de ter condição de vida melhor, que inclui, entre outros aspectos, uma moradia de melhor qualidade.

Para a identificação do grau nível de satisfação com as condições de moradia, pois, é nesse lugar que as famílias constroem seus próprios identificadores, suas normas de convívio

e suas estratégias de sobrevivência; que constroem sonhos e alimentam esperanças para seus sonhos serem conquistados (Figura 18).

Figura 18: Satisfação com o seu atual local de moradia

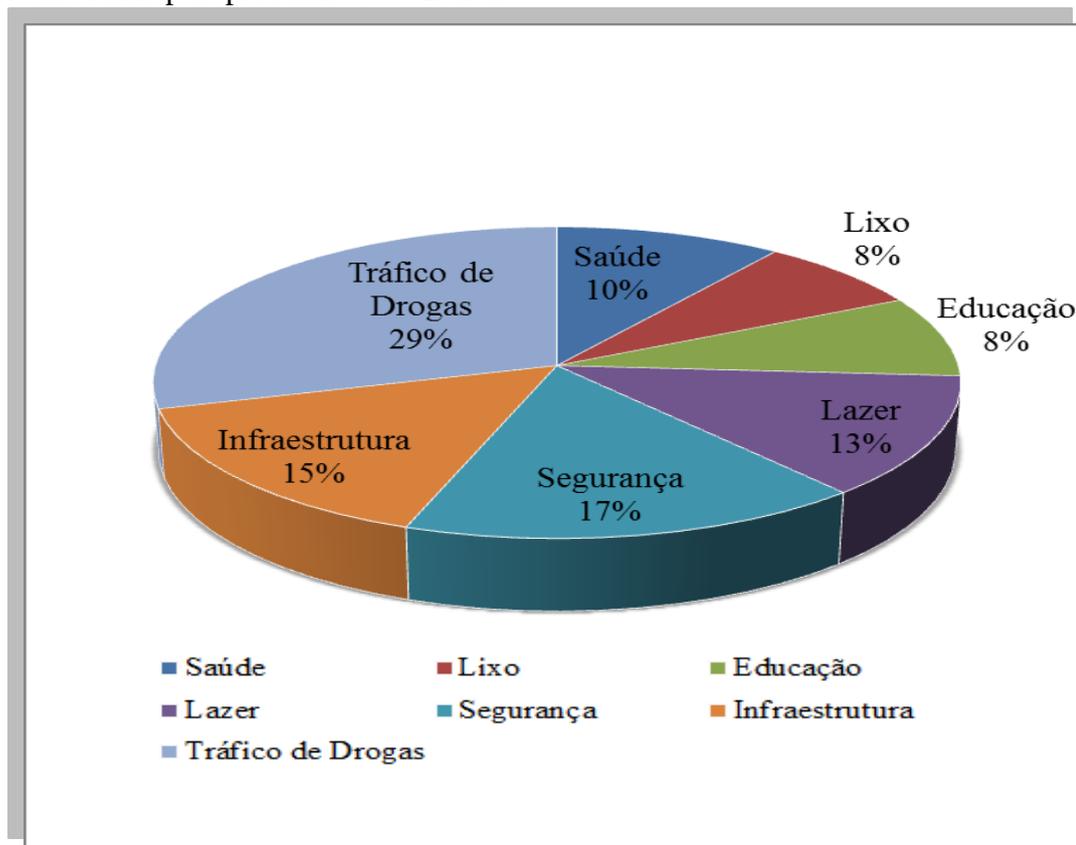


Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

Ao processar os resultados obtidos na pesquisa de campo observou-se que 24% dos entrevistados disseram que estão satisfeitos, e 76% dos moradores não estão satisfeitos com o local de sua moradia. Os insatisfeitos fizeram críticas ao descaso com este espaço de moradia por partes dos governantes de Boa Vista que realizam serviços no Centro e bairros adjacentes, mas não olham para o “Beiral” a não ser em período eleitoral.

Podemos visualizar (Figura 19) Principais problemas do “Beiral”.

Figura 19: Principais problemas do “Beiral”



Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

Afirmaram 8% (Figura 19) que o grande problema é a educação. No “Beiral” existe somente uma escolinha Pré-escolar Rio Branco (1º período ao 3º período). Destarte, faltam escolas para outras séries, sendo assim a comunidade estudante tem que procurar escola em outros bairros.

Os problemas e as carências apontadas pelos moradores do “Beiral” com relação ao lugar estão em praticamente em todas as áreas. A necessidade de uma creche neste espaço é a reclamação mais comum entre as mães e avós do local.

Durante as pesquisas observou-se que o “Beiral” tem comércio (mercearia, padaria, hotel e bares), para suprir as necessidades dos moradores sem que eles tenham que se deslocar para outro bairro.

Atestamos que 10% (Figura19) citaram a saúde como um dos problemas, pois seus moradores têm que se deslocar para outros bairros para consultas básicas. Com base nas entrevistas foram verificados que 13% responderam lazer, pois não há espaços de lazer no local, o que leva as pessoas a buscarem diversão em outros lugares. Segundo alguns

moradores, o lazer é assistir à novela ou ao programa preferido na televisão, ir para os bares beber ou pode ser ainda um bate papo com amigos, uma caminhada a pé até a Orla Taumanan.

Da mesma forma, temos que lembrar que as praças, os parques e os espaços públicos de lazer mais belos e cuidados estão nos bairros mais nobres da cidade. Estes espaços quase nunca são utilizados pela classe média. O lazer é um veículo de grande força no caminho contra a violência e na formação do indivíduo como cidadão da sociedade.

E, na infraestrutura, 15% dos moradores reclamaram do serviço, pois segundo eles, nesse aspecto o “Beiral” tem problemas no que tange a saneamento, energia e habitação. A pesquisa mostra que em vários desses itens a infraestrutura é mínima e não atende a toda a população para quem é necessária (Figura 19).

No entanto 17% (Figura 19) dos moradores fizeram crítica à segurança, à falta de policiamento nas ruas. A empregada doméstica Geni Aparecida Rocha, 36, enfatiza que o “Beiral” precisa de mais policiamento à noite, quando, segundo ela, há muita bagunça.

E 29% dos entrevistados disseram ser o tráfico de drogas o maior problema; a fácil acessibilidade ao mundo das drogas é um dos problemas sociais que a provoca exclusão, visto que, nos bairros de maior vulnerabilidade sociais, existem uma grande tendência para o mundo da criminalidade o que conduz ao tráfico de droga entre os adolescentes (Figura 18).

De acordo com a população local, foram citados alguns dos problemas que mais afetam a população do “Beiral” na (Figura 19) 8% da população disseram ser o lixo e verificou-se ainda que famílias enterram o lixo ou simplesmente deixam exposto nas redondezas.

O “Beiral” tem esporadicamente o serviço de varrição de rua e somente nas ruas principais, porém não há coleta de lixo, pois muitos moradores disseram que estão pagando carro para levar o lixo. Observamos o lixo nas ruas comprovada pela (Figura 20).

Figura 20: Ruas do “Beiral”



Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

Observou-se que a calçada virou ponto de acomodação de lixo, ocupando também a entrada da rua. O lixo se acumula em frente das residências, devido à falta da coleta. Em razão disso, o mau cheiro e o aparecimento de animais peçonhentos como cobras, aranhas, escorpiões, taturanas, vespas, formigas, abelhas e marimbondos como ratos, preocupam a população, que sofre para armazenar o entulho. O lixo exposto acaba sendo posteriormente perfurado por cachorros e gatos e espalhados pelo chão.

Atestamos que tais serviços, além de conservar a limpeza e a higienização de áreas públicas, exigem seriedade como ação de saneamento e de preservação da saúde. O lixo exposto desta maneira interfere diretamente na saúde pública e, portanto, na saúde do homem.

Na (Figura 21) verifica-se que algumas ruas existentes não são sem pavimentadas, quase intransitáveis para veículos e pessoas, pois existem alguns becos, contudo existem ruas com paralelepípedo e as ruas principais são asfaltadas.

Figura 21: Travessa José Coelho



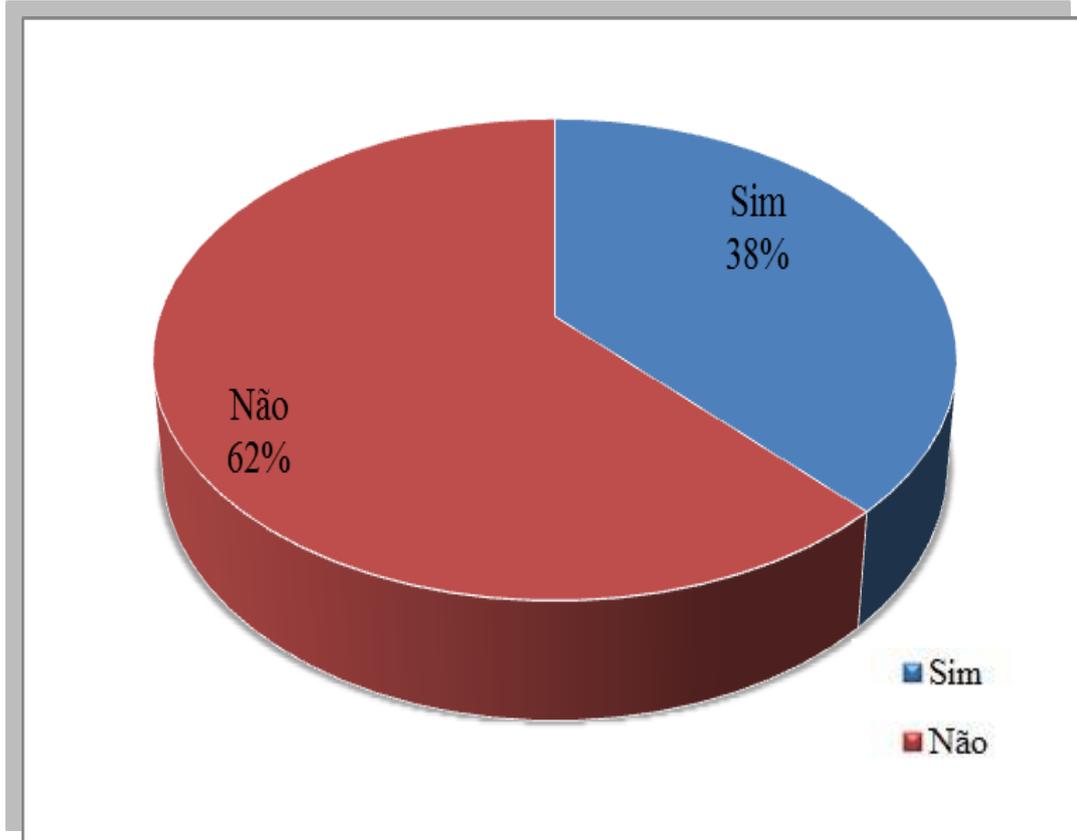
Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

Como podemos destacar na (Figura 21), por ser a rua sem pavimentação nas vias, os moradores enfrentam a poeira, um problema que faz parte da realidade da comunidade.

A falta de asfaltamento e calçamento é outra dificuldade para os moradores e as pessoas que frequentam o “Beiral”, pois ali há buracos abertos que têm trazido ainda mais sujeira para as ruas. Na Travessa José Coelho é impossível passar de carro, da mesma forma como foi observado em outras o mesmo problema.

Com esses problemas citados perguntamos se Prefeitura Municipal de Boa Vista tem realizado infraestrutura necessária no “Beiral” (Figura 22).

Figura 22: Se PMBV tem realizado infraestrutura necessária no “Beiral”



Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

Quando questionados se a Prefeitura Municipal de Boa Vista tem realizado infraestrutura no “Beiral” cotejando os dados 38% responderam que sim e 62% disseram não.

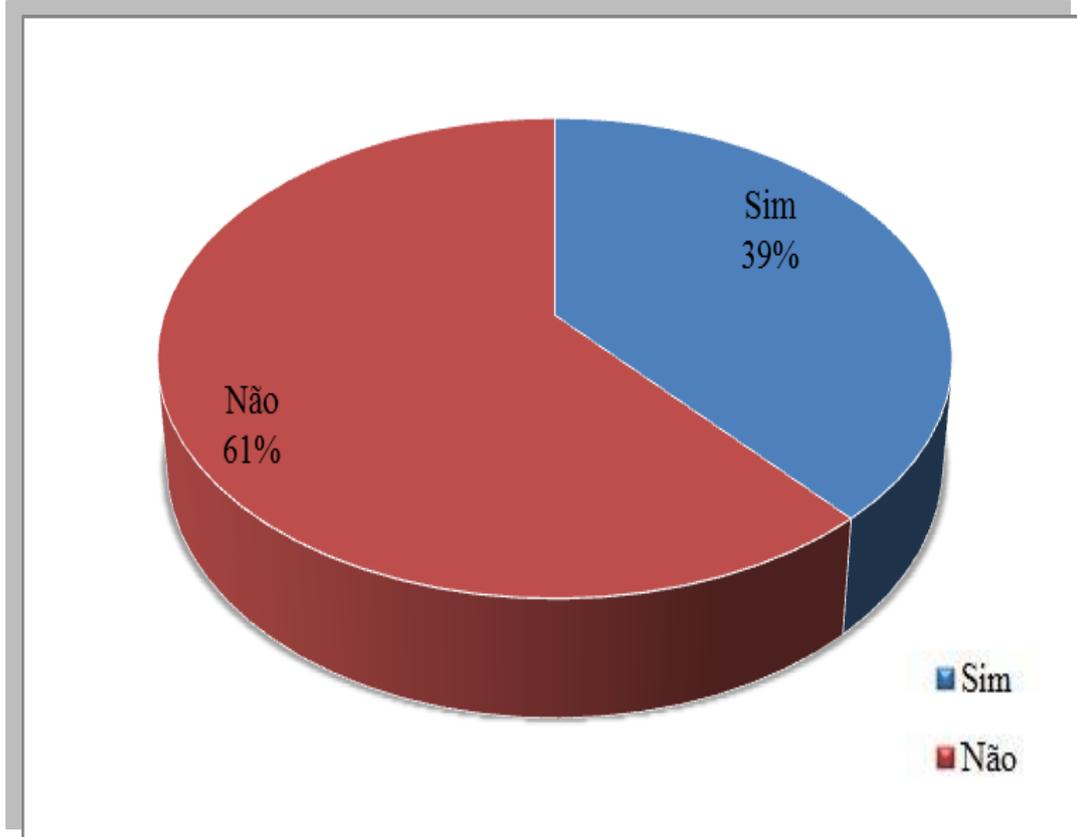
Com base na pesquisa de campo e nas entrevistas dirigidas aos moradores, observou-se que o serviço de energia, é ainda precário. Foi, também, constatada a existência de fossa negra nos quintais e bacia turca. A pesquisa mostrou que em vários destes itens a infraestrutura é mínima e não atende a toda a população satisfatoriamente.

Alguns moradores apontaram que, apesar de todo o “Beiral” possuir água e energia, há ainda alguns problemas com a falta desses serviços em determinados períodos do dia, a má iluminação em algumas ruas e avenidas à noite.

A dinâmica do “Beiral” acontece no contexto das experiências agradáveis e desagradáveis, porquanto muitos moradores do referido lugar, pois quando vão a outro bairro da cidade fazem comparações da infraestrutura que dispõem com outros lugares.

A vivência e as afetividades relativas ao lugar exercem uma função fundamental na construção da identidade com a comunidade. Foram indagados, na sequência, sobre se pudessem escolher outro lugar para morar, qual lugar seria? (Figura 23).

Figura 23: Se você pudesse escolher moraria em outro lugar



Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

Quando questionados, se eles pudessem escolher o atual local de moradia, onde eles morariam, os resultados: 39% responderam que sim. Foram observados nos resultados do questionário que os moradores que gostariam de sair do “Beiral” são os moradores mais recentes que tem menos de dez anos de moradia no recorte espacial. Esses moradores reclamaram da violência, do descaso do poder público e da discriminação das pessoas.

Visto que 61% (Figura 23) responderam que não gostariam de morar em outro lugar, foi percebido que esta resposta foi de moradores mais antigos que gostam de morar no “Beiral”. Eles relataram que é um lugar tranquilo, fica perto do comércio do Centro, e é de fácil acessibilidade para todos os bairros de Boa Vista. Eles sentem uma ligação emocional muito forte em relação ao lugar e gostariam de continuar no “Beiral” até morrer.

Passagens marcantes na vida dos indivíduos levam-nos a relacionar que os acontecimentos com a localidade resulta numa particularidade muito comum entre os entrevistados: a afetividade. Algumas vezes, ela aparece ligada ao tempo de vivência no lugar, considerando-se no ciclo da vida humana, além de conter carga emotiva, dá sentido à identidade.

O lugar tem um significado para o indivíduo que o incorpora à própria identidade. Na construção da identidade, existem dimensões e características do entorno físico, que são incorporadas pelo sujeito por meio da interação com o ambiente. Nesse sentido, a identidade de lugar é um componente específico do próprio “eu” do sujeito, forjado em um complexo de ideias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências (GONÇALVES, 2007, p. 30).

Nessa linha de análise, considera-se que cada indivíduo tem uma maneira específica de apreender e avaliar o espaço em que vive, transformando-o em lugar. O “Beiral” é um espaço, composto por um conjunto de extensões que se referem a questões sociais e morfológicas e de espaço vivido, formando uma elaborada trama de identidade individual. Além disso, o apego ao lugar, por representar o passado e pela localização, é o orgulho dos moradores.

Para a Sr.<sup>a</sup> Marinalva dos Santos “Melhor, para mim é aqui, né, vou achar que o melhor é dos outros, vou elogiar meu bairro, né” (informação verbal/2013).

A Sr.<sup>a</sup> Paula, 76 anos. “Eu amo o “Beiral”, aqui é perto do centro, qualquer ônibus eu posso pegar. É muito central, dá pra ir a pé para o centro é muito pertinho” (informação verbal/2013).

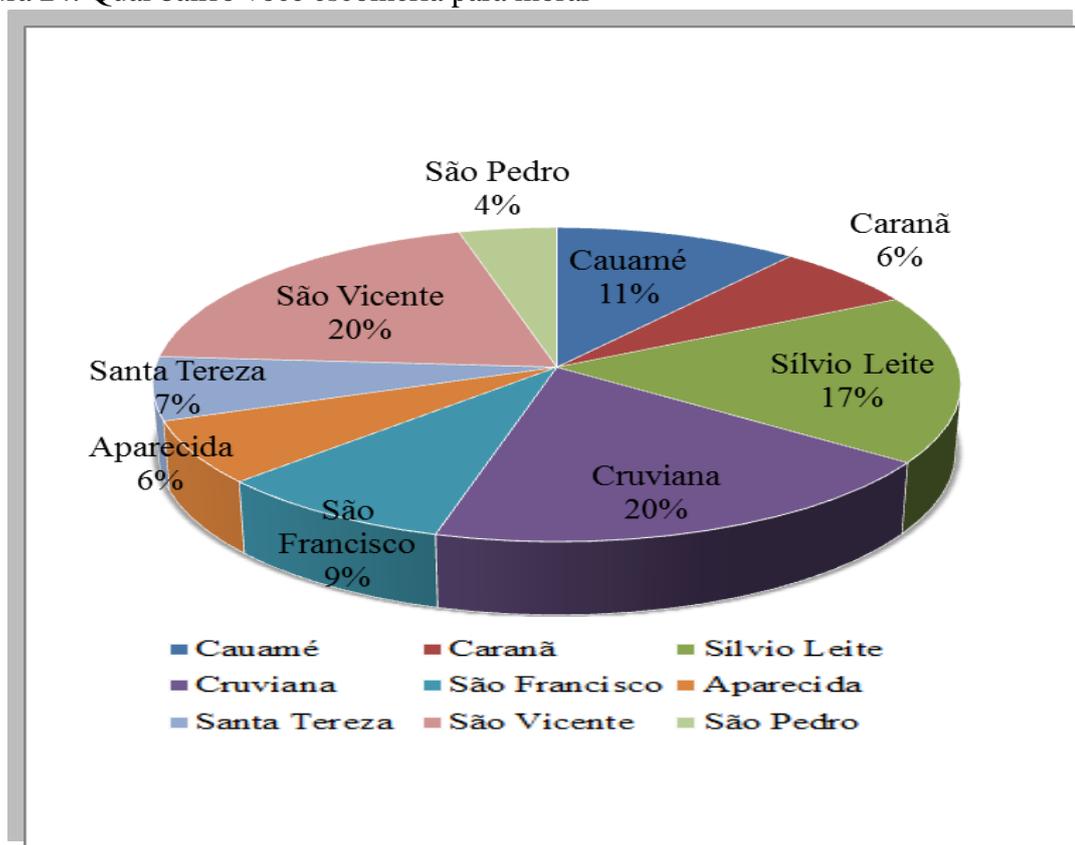
Tuan (1983) analisa as diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o espaço e o lugar. Salienta como o homem experiencia e entende o mundo. Para ele, o lugar é o espaço de segurança, e a liberdade que o morador sente quando se apega a isso. Afirma que o lugar se singulariza a partir de visões subjetivas vinculadas a percepções emotivas, a exemplo do sentimento. Compreende que o mesmo lugar desperta sentimentos ligados ao passado, isto porque a familiaridade e hábitos cotidianos cotejaram a formação de um vínculo afetivo.

Para os moradores do “Beiral”, as espacialidades distintas e vivenciadas em intimidade são características tanto coletivas quanto individuais, pois 61% dos moradores ainda estão satisfeitos com o lugar onde residem. Um dos motivos que leva à satisfação é o fato de

viverem muitos anos no mesmo lugar, já que a familiaridade causa aceitação e, até mesmo, afeição.

Diante do exposto, justifica-se como foi tão difícil para os moradores do “Beiral” responder em qual o outro bairro eles morariam (Figura 24).

Figura 24: Qual bairro você escolheria para morar



Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

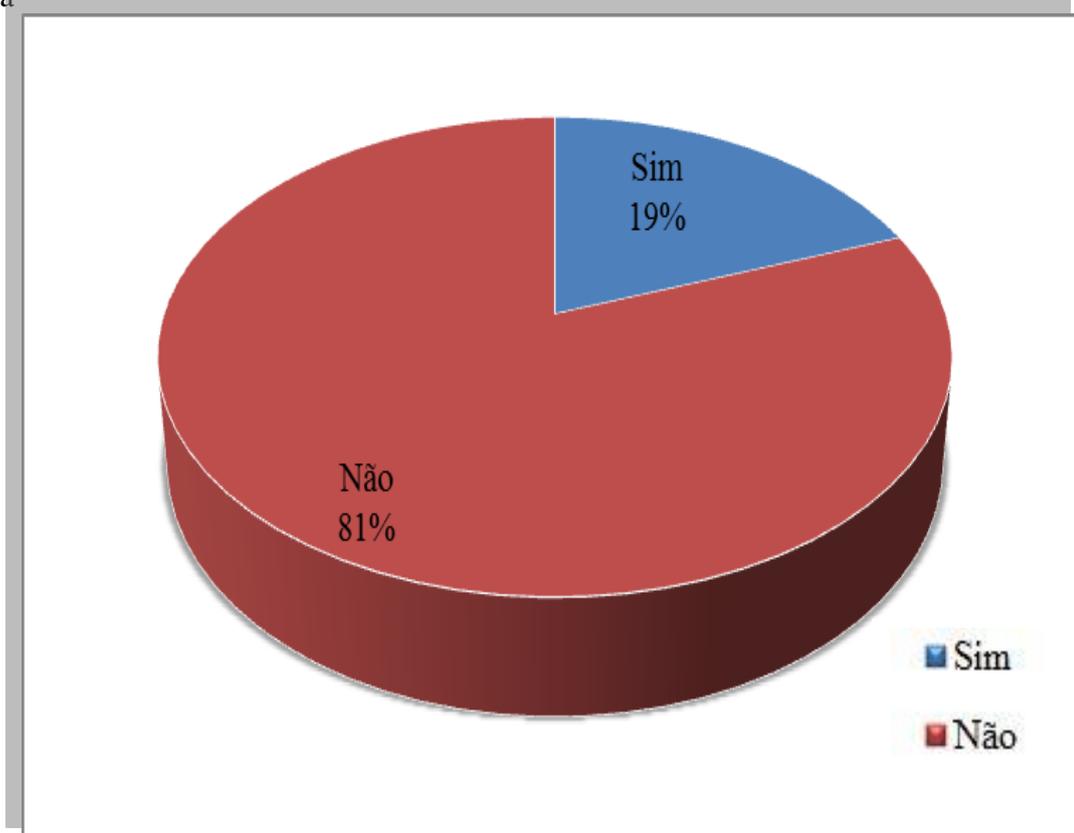
Dos 39% dos entrevistados que optariam por outro lugar para morar, nós fizemos outra pergunta para esses moradores. Qual o bairro eles gostariam de morar. A leitura da (Figura 24), visualizada acima, revela quais bairros que os moradores escolheram: 4% São Pedro, 6% Caraná, 6% Aparecida, 7% Santa Tereza, 9% São Francisco, 11% Cauamé, 17% Sílvio Leite, 20% São Vicente e 20% Cruviana.

Os moradores, que responderam o bairro Cruviana, Caraná, Sílvio Leite, Santa Tereza e Cauamé, escolheram esses lugares para morar porque eles têm familiares nesses bairros. E os moradores que escolheram São Pedro, Aparecida e São Francisco é para ficar mais próximo do Centro e por simpatizarem com bairros.

Para os moradores entrevistados, a situação financeira é determinante para a permanência no local, pois dificulta o processo ou possibilidade de mudança para outro bairro.

Pesquisamos se eles eram a favor da própria remoção para outro lugar de Boa Vista (Figura 25).

Figura 25: Você é a favor da remoção dos moradores do “Beiral” para outro lugar de Boa Vista



Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

Os entrevistados expõem aqui a opinião sobre a remoção do Beiral de 19% dos moradores, são a favor da remoção do “Beiral” para outro lugar de Boa Vista. Versa isso nesta resposta dos moradores das primeiras ruas do “Beiral” como: Rua Cecília Brasil, Castelo Branco e Ajuricaba.

E que as ruas mais próximas do Rio Branco deveria sim ser removida, visto que além de alagar no período chuvoso a desordem está neste local. Sendo que 81% são contra a sua remoção deste lugar para outro espaço, porque estão muito bem neste local.

Alguns dos entrevistados disseram que escutam essa história há muitos anos, que o “Beiral” vai ser deslocado e que já tiveram até reuniões com a Prefeitura Municipal de Boa Vista, porém nunca se resolveu nada sobre este assunto.

Dona Lucivalda, de 45 anos, que nasceu no “Beiral” disse: “Escuto essa história que o “Beiral” vai se mudar deste lugar desde quando eu era criança, casei, tive filhos e netos, separei e casei de novo e nada até agora; o “Beiral” continua aqui, até tem reunião com os prefeitos, mas não decide nada” (informação verbal/2013).

Alguns moradores do “Beiral” quando perguntado sobre esta questão do “Beiral” ser de fato removido relutaram na resposta, uma vez que eles disseram que nunca vão resolver a questão, que sempre terão especulações sobre este assunto e até agora nunca os governantes não resolveram nada.

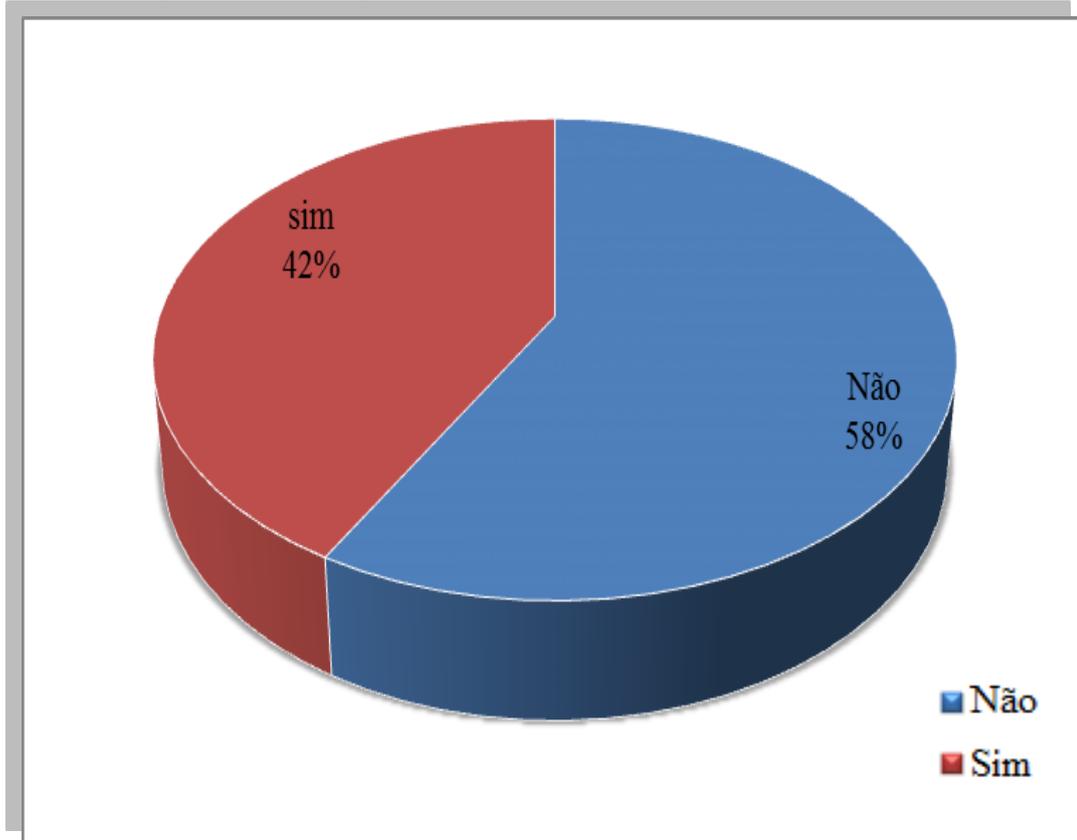
Sr. Silva, 41 anos pescador “Já escuto essa história há muito tempo. Será que agora é pra valer?”, questionou o pescador. Morador a 20 anos do bairro, no final da Rua Bento Brasil, às margens do igarapé Caxangá, ele disse que até pode deixar o local, mas quer uma casa de alvenaria em um local calmo, digno de se viver (informação verbal/ 2013).

Os pescadores lamentam a possibilidade de morar longe do rio Branco. “Como a gente vai fazer para trabalhar, a gente é pescador e necessita morar próximo do rio. Se morar longe, como a gente faz para puxar a canoa? Sobrevivo disso para sustentar nossa família”,

Os pescadores informaram ainda que fiscais da PMBV já foram ao local para fazer o cadastramento das famílias que poderão ser remanejadas em 2009. “Eles disseram que vão drenar o igarapé e aterrar toda essa área aqui. E também disseram que iriam construir uma praça”, relembrou.

As territorialidades auferem sentido a partir dos significados dados pelas pessoas que nele transitam ou vivem e afeta diretamente as experiências de vida. Na (Figura 26) investigamos se os moradores percebem mudanças no seu cotidiano do “Beiral”.

Figura 26: Você percebe mudanças no seu cotidiano “Beiral”



Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

As territorialidades são flexíveis na medida em que podem ser construídas, rescindidas ou reconstruídas a cada variação dos movimentos cotidianos, resultantes de novas práticas diárias. A partir das relações cotidianas, os fluxos de vida que se consolidam no território, os moradores criam uma identidade de grupo e identificação com o “Beiral”.

Ao processar os resultados obtidos na pesquisa de campo observou-se que 42% dos entrevistados (Figura 26) pronunciaram sim, percebem mudanças no cotidiano e 58% disseram que não percebem nenhuma mudança ao longo do dia e da noite.

Dona Severina Silva “Pra mim tanto faz, tudo igual, dia e noite eles faz a mesma coisa (fuma, usa droga e brigam)”. A moradora Severina é uma das que não percebem mudanças das territorialidades no “Beiral” (informação verbal/2013).

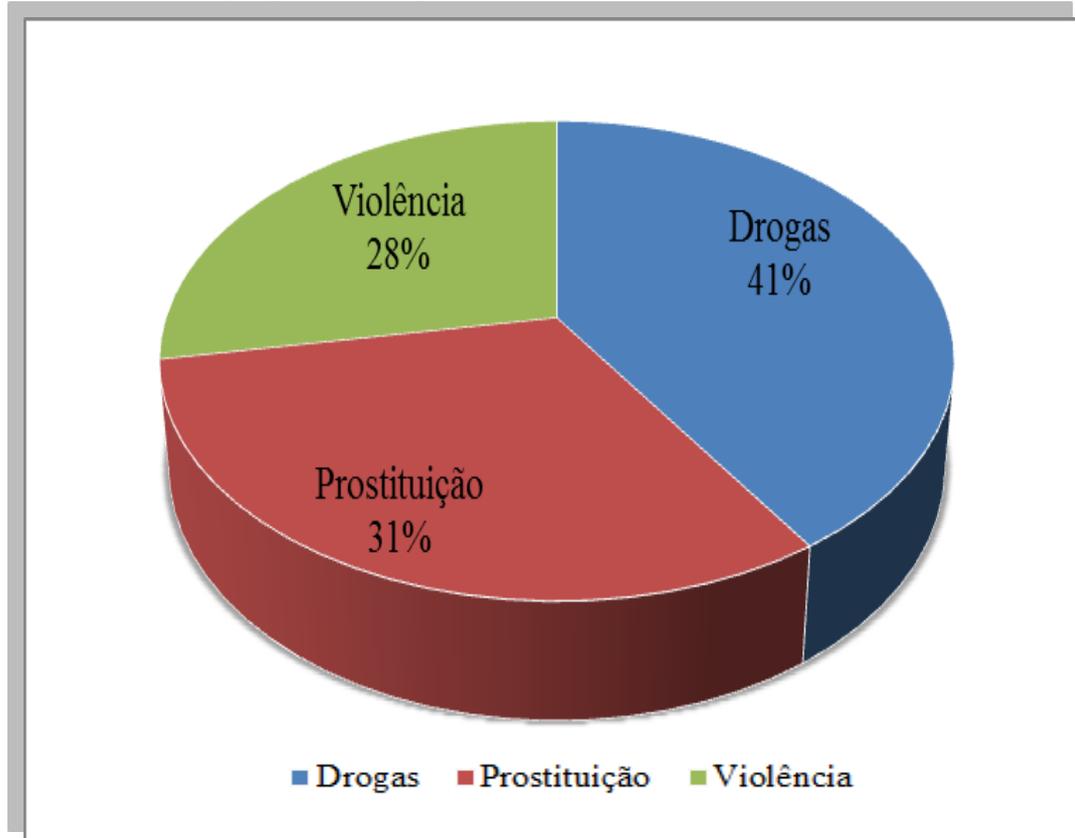
Tais territorialidades são estabelecidas no pelo movimento de sua rotina coloquial em busca da sobrevivência. No seu andar diário pelo “Beiral” os moradores percebem que suas territorialidades vão sendo tecidas, quer em sua temporalidade diurna quer noturna.

De acordo com Andrade (1996) a formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentimento de territorialidades.

Assim, podemos dizer que as territorialidades construídas pelos moradores das ruas, possuem temporalidades diferenciadas, apresentando diferentes usos quer diurna ou noturnamente. As territorialidades diurnas se configuram como flexíveis.

Na (Figura 27) as territorialidades percebidas pelos moradores do “Beiral”.

Figura 27: As mudanças percebidas pelos os moradores do “Beiral”



Elaboração: Maria Valdira de Azevedo Farias /2013

Quando os moradores foram questionados se eles percebiam mudanças diurnas no “Beiral”, foram destacadas três percepções pelos seus moradores que consistem em: 28% Violência, 31% Prostituição e 41% Drogas.

Conforme seus moradores nas entrevistas dos que perceberam mudanças a violência constituiu a menor porcentagem, pois, muitos dos entrevistados relataram que a violência que ocorre são entre os conflituosos, e no segundo ponto ressaltado a violência doméstica; contudo com a comunidade em geral não acontece nenhum problema de violência.

O problema de violência, entretanto, não pode certamente ser resolvido pela simples melhoria do sistema legal e repressão policial, já que apresenta raízes muito mais profundas e de muito maior extensão do que aparenta ao leitor ingênuo da imprensa cotidiana (PASTORE, 1991, p. 09).

O que apresentamos diante dessa afirmação é o conceito de que nem sempre a repressão policial é suficiente para resolver os problemas de violência e crime em um determinado bairro ou área de uma cidade.

A imprensa de Boa Vista quando expõe notícias sobre crimes e atos violentos que acontecem no “Beiral”, atentam no imaginário das pessoas a imagem de que o “Beiral” é somente um local violento, esquecendo-se de que ali, vivem pessoas que não participam de tal comportamento.

A violência é um fenômeno social marcados num contexto histórico e geográfico que não devem ser vistos como conjunturas em si, Rocha (1996). É presumível compreendê-los de forma crítica se os implantarmos num recorte pertencente a um processo mais compreensivo, compatível de todas as relações sociais existentes numa sociedade e que ocorrem num espaço e no tempo.

Todavia o conteúdo social remetido a uma minoria, mas vivenciado de forma abrangente, a violência atua na constituição nas relações socioespaciais, descrevendo os limites reconhecidos por aqueles que os vivenciam.

A prática da prostituição no recorte espacial do “Beiral” foi à segunda questão citada nas entrevistas. Em relação aspectos das territorialidades da prostituição, podemos destacar a flutuação ou mobilidade dos territórios configurados que existe; a prostituição se constitui em um atrativo e fundamental. Na realidade, uma relação de domínio, por que as pessoas que ganham a vida prostituindo-se formam um território onde se desenvolve esta atividade.

Conforme diz Matos e Ribeiro (1996, p. 62):

Cada grupo de prostituição segrega seu próprio território, defendendo-o, algumas vezes, da ameaça de invasão de outros tipos de “mercadores do sexo” e de outros atores sociais. Nessas áreas, a dimensão espacial e o controle territorial são peças chaves para obter-se o poder.

A figura da prostituta, assim classificada, antes mesmo de ser reconhecida como mulher, conclui por fazer parte, da ampla questão de agentes sociais excluídos, possuidora de menor poder político, econômico e social que compõem a sociedade.

Maria 35 anos, moradora do “Beiral”.

“Comecei a vim pro “Beiral”, quando o meu marido me largou com meu filho pequeno e eu não conseguia arranjar emprego, foi quando uma amiga me perguntou por que se eu não queria fazer programa aqui no “Beiral”, aí pensei melhor e, comecei a sair com os caras que vem atrás gente, mas da primeira vez eu não tive coragem de cobrar, foi a minha amiga que já tava acostumada a sair com eles que foi cobrar pra mim eu fiquei com vergonha”. Comecei a fazer programa aos 23 anos (informação verbal/2013).

As garotas de programas do “Beiral” são assistidas esporadicamente pelas voluntárias da pastoral da criança, que consegue levar palestrantes sobre as doenças transmissíveis sexualmente e gente da área de saúde para fazer preventivos.

A prática da prostituição é um acontecimento, uma relação de poder, pois que as pessoas que auferem a vida prostituindo-se instituem um território onde se desenvolve esta atividade.

Visto como os fatores socioeconômicos e políticos, para a compreensão de tais acontecimentos, devem ser levados em consideração, também, os aspectos territoriais, históricos e culturais das mulheres que fazem parte deste sistema da prostituição.

De acordo com Teixeira (2000), o fenômeno da exploração sexual comercial deve ser tratado como uma questão complexa, pois os fatores determinantes para a existência dessa atividade precisam ser considerados e compreendidos dialeticamente, já que fazem parte da estrutura social brasileira. A prostituição é a modalidade mais aparente dessa prática social em razão do reconhecimento associado que possibilita e de sua nítida configuração espacial.

Segundo o relato de uma moradora os programas sexuais saem até a R\$ 5,00 e são feitos no próprio beco da fumaça (Travessa Castelo Branco), em quartos de madeira alugados pelos traficantes. “Mas é difícil hoje em dia armar um esquema (programa). O movimento aqui é só por causa da droga. Antes, a gente ainda conseguia clientes, mas agora a moçada só vem aqui mesmo para comprar droga”.

Atestamos que quando perguntados sobre a percepção das mudanças do cotidiano para os moradores do “Beiral” as drogas tiveram a maior porcentagem conforme podemos observar na (Figura 26).

Os problemas urbanos e sociais presenciados no “Beiral” servem como estratégia de dominação do tráfico de drogas que se vincularam a essas pessoas nessa atividade ou em

distintas ilegais. O tráfico de drogas é um conteúdo espacial, produtor de territorialidades que atingem fortemente os moradores do “Beiral”.

O tráfico de droga reproduz a conexão de mercado e a concorrência por espaço e consumidores, se manifestando nas rivalidades e nos conflitos que são demonstrados na vivência do lugar.

A vida no “Beiral” está tipicamente com fatores de ordem e de conflito. Como nos indica Souza (1996), observar a atividade do tráfico no interior deste ambiente urbano significa incidir sobre ele um olhar de várias escalas, de fora para dentro das comunidades.

Deste modo, a sociabilidade e os métodos aceitos pelos agentes inseridos na atividade do tráfico de drogas estão intimamente ligadas à racionalidade impressa ao território constituído pela comunidade.

A opção pelo caminho das drogas pode se dar por diversos fatores e passar por processos identificatórios distinguidos. O território, suas incidências e suas implicações políticas, reunidas com outras motivações.

### 3.1 - CONSULTA AOS MORADORES AO LONGO DO “BEIRAL”

Informação verbal pelos moradores mais antigos que participaram da Associação de Moradores do “Beiral”, a qual existiu até o ano de 2000. Reivindicações que foram feitas pelos padres juntos com associação dos moradores e foram conquistadas:

- Energia elétrica em 1960
- Água 1965
- Escola dos Pescadores 1970
- Clube das mães (Não existe mais)
- Ruas com paralelepípedos em algumas ruas 1990
- Ruas asfaltadas 1995
- Escola Municipal Rio Branco 1991
- Orelhão comunitário 1992

Levantamento das principais necessidades do “Beiral” - organizado pela Sr.<sup>a</sup> Maria e os moradores do “Beiral” - a serem conquistadas.

- Designação de um terreno, para a construção da sede da associação comunitária do clube das mães;
- Saneamento básico, seguido de asfalto;
- Drenagem;
- Projeto Habitacional;
- Identificação do bairro, limites e mapeamento;
- Definição dos nomes das ruas e números casas;
- Sinalização de ruas;
- Galeria do Igarapé Caxangá;
- Projetos para idosos;
- Área de lazer;
- Melhoria de iluminação pública;
- Desenvolvimento de cursos artesanais ligado à cultura da população;
- Título definitivo.

Com o término da Associação dos moradores do “Beiral” em 2000. E nos dias atuais permanece a Sr<sup>a</sup> Maria (que era a presidente da Associação do “Beiral”), ela faz um trabalho voluntário com ajuda da pastoral das crianças no local.

A sr<sup>a</sup> Maria é uma espécie de líder desta comunidade, ela trabalha como agente de saúde do “Beiral”, pois qualquer acontecimento que os moradores necessitem de ajuda eles remetem a esta Sr<sup>a</sup>. Como: médico, cestas básicas e problemas entre os moradores.

A agente de saúde do “Beiral” Sr<sup>a</sup> Maria expões que as principais doenças detectadas no “Beiral” são verminoses, ameba, giárdia, malária, dengue e doenças sexualmente transmissíveis, esta última entre os adultos e os adolescentes sexualmente ativos.

Com a chegada do período chuvoso os moradores do “Beiral” começam a ficar preocupados tendo em vista que ele está situado às margens do rio Branco e todos os anos os moradores enfrentam o mesmo problema de inundações quando o nível do rio começa a subir. Quem vive essa realidade de perto já teme as primeiras chuvas.

Outra dificuldade enfrentada pelos os moradores é a enchente, pois todos os anos que são atingidos eles têm que sair de suas casas (Figura 28).

Figura 28: “Beiral” no período de chuvas



Fonte: Diniz - Folha de Boa Vista/2009

Quem vive essa realidade de perto já teme as primeiras chuvas. A moradora Ivanilde relatou “Todos os anos a gente perde tudo. Às vezes a gente vai para abrigo, às vezes para casa de parente. O rio já encheu bastante” (conversa informal).

Alguns dizem que já estão cansados de falsas promessas. “Fazem 20 vinte anos que moro aqui, todos os anos os políticos fazem as mesmas promessas, e quem sofre é a gente, falam que vão resolver os problemas, mas não resolvem nada”.

Em entrevista ao Jornal Folha de Boa Vista no dia 22/06/2012, a superintendente de projetos da Secretária Municipal de Obras e Urbanismo (SMOU), Sâmia Simões Garcia, disse que ainda este ano será licitado um estudo no Caetano Filho, zona Sul, conhecido como “Beiral”, para obras de revitalização. O local apresenta histórico crítico nos meses de inverno em que muitas famílias são obrigadas a deixar suas casas porque são invadidas pelas águas. Sâmia destacou que um dos objetivos da obra é acabar com alagamentos naquele local.

Apesar de existir um número elevado de pessoas morando nesse lugar, ainda não é considerado bairro pela prefeitura. A ideia de revitalizá-lo é antiga e, em 2007, a SMOU idealizou um projeto de infraestrutura, mas não foi possível levá-lo adiante porque o recurso de R\$ 9 milhões, adquirido na época, foi insuficiente.

A falta de pesquisa e estudo prévio também inviabilizou a obra. “A prefeitura queria fazer um projeto impactante no “Beiral”. Na época conseguimos recurso de emendas, uma do Ministério do Turismo e outra por uma parlamentar, no entanto os R\$ 9 milhões não dariam para fazer uma obra desse porte”, explicou Sâmia Garcia.

Garcia explicou que as obras de pavimentação amenizaram os problemas enfrentados pelos moradores, mas ainda assim, o local merece valorização urgente. “É um projeto grandioso, por isso precisa de estudo para avaliar como deve ser feito e o total de recurso investido”, avaliou. Com a pesquisa pronta, o próximo passo é buscar recursos para dar início às obras. Por enquanto não dá para prever se as famílias terão que sair de suas casas. “Somente com base na pesquisa é que vamos ter as respostas”, complementou.

Para Sâmia Garcia, o projeto vai gerar impacto social positivo, pois as mudanças serão focadas não apenas na parte física, mas na questão social e ambiental. O “Beiral” está entre um dos lugares mais violentos da capital, sendo ainda como referência no tráfico de drogas. Ela destacou a importância dos parlamentares na questão de conseguir verbas. “Com o estudo feito e o recurso conseguido pelos parlamentares não temos como adiar o projeto”, disse.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender de que maneira as territorialidades constituem as dinâmicas cotidianas no “Beiral” e contribuem para a reprodução do espaço urbano em Boa Vista-RR. Para isso os primeiros passos das atividades de trabalhos de campo começaram em 2012, também foram realizados trabalhos de campo e observações no ano de 2013, o instrumento de coleta de dados deu-se através da aplicação de questionários e, também, entrevistas além de observação e conversas informais com a comunidade.

Esses foram os instrumentos utilizados no processo de estudo, conforme discorre Lakatos (1992), quando assegura que “a coleta de dados é uma conversação, efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”. Para percebermos as territorialidades do “Beiral”, fomos em horários diferentes no local da pesquisa, durante a manhã, tarde e noite, entre 08h00min às 20h45min.

A primeira visita ao “Beiral” foi no início do projeto de qualificação em 2012 no qual, fomos recebidos pela Sr<sup>a</sup> Maria da Silva (nome fictício) ex-presidente da comunidade, que conhece todos no “Beiral” e faz um serviço social nesta localidade. A Sr<sup>a</sup> Maria nos mostrou o “Beiral”, e quais são as ruas que constituem este espaço e todas as histórias dos moradores, pois ela mora neste lugar há mais de 30 anos. Ela nos fez algumas observações em termo de cuidados com alguns moradores. Mas durante todo o trabalho de campo sempre fomos bem recebidos. Na aplicação dos questionários os entrevistados tinham em média 18 a 62 anos.

O “Beiral” é um lugar com ótima acessibilidade a todos os bairros da cidade de Boa Vista. A comunidade ainda é carente em vários serviços essenciais como saúde, o posto médico, falta de escola de ensino fundamental e médio, ausência de farmácia, carência de atividades culturais, a falta da ação do poder público com seu local de morada, a má iluminação em algumas ruas e avenidas, problemas na segurança e a falta de policiamento nas ruas e o tráfico de drogas.

De acordo com a análise dos dados, percebemos o nível de precariedade das habitações e de habitabilidade dos moradores do local. Eles ficam expostos a todas as enfermidades decorrentes da falta de acesso a esses equipamentos urbanos. Foi apontada durante as pesquisas de campo a insatisfação dos moradores em relação ao poder público municipal.

Através da pesquisa de campo constatou-se que no mesmo “Beiral” tem duas percepções diferentes dos moradores: para uns o “Beiral” é tido como um lugar perigoso e malvisto; e para outros moradores é um lugar tranquilo, calmo e bom de viver. Ao processar os resultados obtidos na pesquisa de campo, observou-se que 42% dos entrevistados percebem mudanças no cotidiano e 58% disseram que não percebem nenhuma mudança ao longo do dia e da noite. Atestou-se que 81% dos moradores são contra a remoção do “Beiral” para outro lugar; gostam de morar no lugar, e estão muito bem neste local. Portanto, fundamentamo-nos em Tuan (1983), quando este afirma que o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares conservam a importância, por isso eles podem ser totalmente percebidos através de uma experiência ou relações íntimas, cada pessoa tem seu lugar pessoal de referência. As pessoas comumente estão satisfeitas com o lugar onde residem e um dos motivos que leva à satisfação é o fato de viverem muitos anos no mesmo lugar, já que a familiaridade causa aceitação e, até mesmo, afeição (TUAN, 1983).

Quando os moradores foram questionados se percebiam mudanças diurnas e noturnas no “Beiral”, foram destacadas três percepções: Violência, Prostituição e Drogas.

Utilizou-se o conceito de espaço, território e territorialidades como categoria de análise para o “Beiral”. O morador do “Beiral” através de suas relações com o meio, (re)produz constantemente o através de sua mobilidade cotidiana e os deslocamentos constantes, as configurações espaciais tornando-o dinâmico. Santos (1999) afirma que “O espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais”. No espaço podemos perceber de diferentes maneiras como ele é modificado pelos atores que participam de sua produção.

Para Haesbaert (2007) “território surge da tentativa, por um indivíduo ou grupo, de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica”. O território é aceito como uma ferramenta de prática do poder.

A territorialidade é o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente, convertendo-a assim seu “território” Haesbaert (2007).

Levantou-se como hipótese para essa configuração que morar no “Beiral” é sentir-se marginalizado pela população boa-vistense. A segregação socioespacial é um processo que resulta de diferenciações, afastamento e isolamento entre moradores e frequentadores de

diferentes áreas da cidade. A segregação é um processo que origina a tendência a uma organização espacial em áreas de forte homogeneidade social interna e de forte disparidade social entre elas (CORREA, 1995).

Percebeu-se durante as observações de campo, na aplicação dos questionários e nas entrevistas com os moradores que eles sentem discriminação de moradores de outros bairros quando falam que moram no “Beiral”, e também tem morador do próprio “Beiral” que tem vergonha de dizer que mora neste lugar com receio do que as pessoas pensam deles e do lugar que eles moram.

Deste modo antes de formularmos qualquer pré-conceito sobre os conflitos existentes no “Beiral”, compete a nós identificarmos os habitantes dos territórios dominados pela violência, pois são eles os possuidores das respostas sobre esses conflitos.

O problema está longe de ser solucionado, pois a sociedade e o poder público, de modo geral, abordam a questão numa visão policial, não consideram, ou pouco considera os aspectos sociais envolvidos.

Sem anseio de formalizar conclusões, salientamos o valor deste estudo, como mais um trabalho que poderá servir como ponto de partida para outros trabalhos que por ventura aparecerem sobre a temática, cujos conteúdos estão inseridos no contexto da geografia.

O começo e o fim estão em todo o lugar. Um é imediatamente o outro e, ao mesmo tempo, a sua negação. No ponto final (formal) de um trabalho está a chave para um novo processo de investigação científica. Não há conclusões terminadas, elaboradas, acabadas e, sim, questionamentos, interrogações, para que se avance progressivamente na produção do conhecimento que não acaba nunca. (SILVA, 1999).

Entende-se que novos estudos devem ser realizados no “Beiral”, para que se possa propor soluções eficazes ao problema discutido na pesquisa. O “Beiral”, como espaço conquistado estará no mesmo lugar com suas diversas territorialidades. É necessário conhecermos a realidade dos habitantes do lugar no passado e no presente, para a busca de uma melhor qualidade de vida para os moradores desta comunidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H.W; BRANCO, P. Martoni (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

ADUAN, Wanda Engel, **Cartilha do PETI**. Ministro de Estado do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2012.

ANDRADE, M.C. **Imperialismo e Fragmentação do Espaço**. São Paulo: Contexto, 1993. (Coleção Repensando a Geografia).

\_\_\_\_\_. **Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local**. In SANTOS *et all* (org.) Território, Globalização e Fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1994.

BOA VISTA-RR SEMGEP (Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania). **Trabalho perfil socioeconômico dos bairros da Cidade de Boa Vista- 2010**.

BONFIM, I. O. **A Representação Social da Copa do Mundo De Futebol da Fifa 2014**. Em Curitiba (Paraná, Brasil). Universidade Federal do Paraná. 2012.

BRASIL, RORAIMA. **Decreto Lei n. 1.117**. 31 de dezembro de 2008.

BRAGA, Rhalf. M. **O espaço geográfico: um esforço de definição**. São Paulo: Geosp, 2007.

CARDOSO, R C. L. **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método**. In: (Org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARDOSO O. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. In: \_\_\_\_\_. O trabalho do antropólogo. São Paulo, Unesp, 2000.

CLAVAL, P. **O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana:** In: ROSENDAHL, Z. CORRÊA, L.R. (Org.) Geografia Cultural, matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

CASTELLS, M. **O poder da identidade.** Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 6. ed. São Paulo: editora Paz e Terra, Vol. II 1999.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. L. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, Boletim Gaúcho de Geografia. 1995.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência.** São Paulo: Atlas, 1985.

DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo.** Cadernos de Pesquisa, 2002.

DINIZ, A. Folha de Boa Vista/2009.

GONÇALVES, T, MARTINEZ, J. G. **Educação Ambiental Crítica:** Pensando o Ambiente Urbano. In: GONÇALVES, Teresinha Maria; SANTOS, Robson dos. Cidade e meio ambiente: estudos interdisciplinares. Criciúma: UNESC, 2010.

HAESBAERT, R.: **Um Debate.** Universidade Federal Fluminense. GEOgraphia - Ano IX – Nº 17 – 2007.

\_\_\_\_\_. **Desterritorialização:** entre as redes e os aglomerados de exclusão. IN: Castro I.E. De Gomes P.C.C. & Corrêa, R.L. Geografia Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. (1999). **Identidades Territoriais**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: UERJ.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, São Paulo, 2005. Anais. São Paulo: USP, 2005.

GUERRA, Antônio Teixeira Guerra. **Estudos Geográficos do território do Rio Branco**. IBGE.1957.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarve, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de Roraima 2010**

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2011. **Censo demográfico de Roraima 2010**

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2012. **Censo demográfico de Roraima 2010**

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos/ Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. – 4. ed. – São Paulo: Atlas, 1992.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Grupo “As (im) possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG. (do original: *La production de l’espace*. 4 éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LUDKE, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**: EPU, 1986.

MATTOS, R. B. de; RIBEIRO, M. A. **Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro**. In: Revista Território. Vol. 1, nº 1. Rio de Janeiro. Jul/ Dez, 1996, p.76.

MAGNANI, J. G. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez, 2009.

MATTAR, N. F. **Pesquisa de Marketing: Metodologia, planejamento**. 3ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MOREIRA, R.. **Repensando a Geografia**. In: SANTOS, Milton (org). **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PASTORE, J. **Crime e Violência Urbana**. São Paulo: IPE-USP: FIPE, 1991.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução: Maria Célia França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, M. A. Campos; MATTOS, R. B. **Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro**. Revista Território, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.59-76, jul./dez. 1996.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ROCHA, Z. P.. **Violência e solidão**: Recife: UFPE, 1996. p. 160.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e Espaço Rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1999.

ROSA FILHO, A. **Percepção geográfica de escorregamentos de encostas em favelas nas áreas de risco** - Campos do Jordão-SP. Tese Doutorado-UNESPE- Universidade Estadual de São Paulo. 2006.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

\_\_\_\_\_. Z. **Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião**. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

SAMPAIO, R.A. **Da noção de violência urbana à compreensão da violência no processo de urbanização**: apontamentos para uma inversão analítica a partir da Geografia Urbana. São Paulo: (dissertação mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2011.

SAQUET, M.A. **Campo-território: considerações teórico-metodológicas**. In: Campo território. Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v.1, n.1, p. 60-81, fev. 2006.

SACHS, I. **Espaços, Tempos e Estratégias de Desenvolvimento**. São Paulo: Edições Vértice. 1986.

SAQUET, M. A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

\_\_\_\_\_. **O papel ativo do geógrafo, um manifesto**. In: Anais Do XII Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis, Julho de 2000.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SANTOS, R. A. dos. **O Processo de Modernização da Agricultura no Sudoeste Paranaense**. Tese de Doutorado em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008.

SANTOS, M. & Silveira, M.L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**, Rio de Janeiro: Record 2002. 121 p.

SILVA, L. R. da. **A natureza contraditória do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, P. R. F. **Dinâmica Territorial Urbana em Roraima - Brasil**. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SOUZA, M. J. L. de. **O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento**. In: GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, M. J. L. de. **O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento**. In CASTRO, I. E. GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SOUZA, M. J. L. de. **O narcotráfico no Rio de Janeiro, sua territorialidade e a dialética entre “ordem” e “desordem”**. In: **Cadernos de Geociências**. Rio de Janeiro: IBGE. n. 13. jan./mar., 1995a. p. 161-171.

SUERTUEGARAY, D. M. A. **Pesquisa de Campo em Geografia**. *Revista GEOgraphia*. Ano IV, nº 7. Niterói, 2002.

TEIXEIRA, L.C. FRANÇA J.C; GORGATTI V. **Estratégias de Intervenção em Situações de Risco, Extremo Risco e Exploração Sexual**. São Paulo, 1997.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. 2ª Edição Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VAN DALEN, D. B. & MEYER, W. J. **Manual de Técnica de La investigación educacional**. Barcelona: Ediciones Omega, 1971.

VERAS, A. T. de R. **A Produção Do Espaço Urbano De Boa Vista – Brasil**. São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras E Ciências Humanas Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo.

**APÊNDICE A**

## Questionário Aplicativo (Beiral)

1) Há quanto tempo você mora no Beiral

( ) 1 - 5anos ( ) 5-10 anos ( ) 10-15 anos

( ) 15-20anos ( ) mais de 20 anos

2) Você está satisfeito com o seu atual local de moradia?

( ) sim ( ) não

3) Quais os principais problemas do Beiral?

( ) Saúde ( ) Educação ( ) Lazer

( ) Lixo ( ) Segurança ( ) Outros

4) Você considera que a PMBV tem realizado infraestrutura necessária no Beiral?

( ) sim ( ) não

5) Se você pudesse escolher moraria em outro lugar?

( ) sim ( ) não

Qual: \_\_\_\_\_

6) Você é a favor da remoção dos moradores do Beiral para outro lugar?

( ) sim ( ) não

7) Você percebe mudanças no seu cotidiano?

( ) sim ( ) não

Qual: \_\_\_\_\_

## ANEXO A

<b>Tabela 608 - População residente, por situação do domicílio e sexo - Sinopse</b>	
<b>Variável = População residente (Pessoas)</b>	
<b>Situação do domicílio = Total</b>	
<b>Sexo = Total</b>	
<b>Ano = 2010</b>	
<b>Bairro</b>	
<b>Centro - Boa Vista - RR</b>	5.140
<b>Calunga - Boa Vista - RR</b>	2.236
<b>São Vicente - Boa Vista - RR</b>	6.222
<b>Mecejana - Boa Vista - RR</b>	6.134
<b>São Francisco - Boa Vista - RR</b>	3.992
<b>Trinta e um de Março - Boa Vista - RR</b>	1.631
<b>Aparecida - Boa Vista - RR</b>	4.860
<b>Canarinho - Boa Vista - RR</b>	710
<b>São Pedro - Boa Vista - RR</b>	985
<b>Treze de Setembro - Boa Vista - RR</b>	4.643
<b>Pricumã - Boa Vista - RR</b>	7.051
<b>Liberdade - Boa Vista - RR</b>	6.199
<b>Jardim Floresta - Boa Vista - RR</b>	4.546
<b>Aeroporto - Boa Vista - RR</b>	3.348
<b>Dos Estados - Boa Vista - RR</b>	4.639
<b>Paraviana - Boa Vista - RR</b>	5.443
<b>Caçari - Boa Vista - RR</b>	3.254
<b>Buritis - Boa Vista - RR</b>	9.305
<b>Asa Branca - Boa Vista - RR</b>	5.256
<b>Cambará - Boa Vista - RR</b>	9.488
<b>Tancredo Neves - Boa Vista - RR</b>	7.007
<b>Caimbé - Boa Vista - RR</b>	7.447
<b>Caraná - Boa Vista - RR</b>	9.931
<b>Centenário - Boa Vista - RR</b>	5.497
<b>Governador Aquilino Mota Duarte - Boa Vista - RR</b>	519
<b>Operário - Boa Vista - RR</b>	2.521
<b>Jardim Tropical - Boa Vista - RR</b>	2.073
<b>Nova Canaã - Boa Vista - RR</b>	6.007
<b>Jardim Equatorial - Boa Vista - RR</b>	5.594

<b>Cauamé - Boa Vista – RR</b>	7.480
<b>Alvorada - Boa Vista - RR</b>	7.914
<b>Professora Araceli Souto Maior - Boa Vista - RR</b>	4.102
<b>Bela Vista - Boa Vista - RR</b>	3.084
<b>Cinturão Verde - Boa Vista - RR</b>	5.907
<b>Dr. Silvio Leite - Boa Vista - RR</b>	8.849
<b>Jardim Primavera - Boa Vista - RR</b>	6.186
<b>Jóquei Clube - Boa Vista - RR</b>	6.515
<b>Nova Cidade - Boa Vista - RR</b>	5.708
<b>Pintolândia - Boa Vista - RR</b>	10.990
<b>Dr. Silvio Botelho - Boa Vista - RR</b>	7.188
<b>Santa Luzia - Boa Vista - RR</b>	8.777
<b>Senador Hélio Campos - Boa Vista - RR</b>	10.010
<b>Piscicultura - Boa Vista - RR</b>	1.471
<b>Raiar do Sol - Boa Vista - RR</b>	5.863
<b>Santa Tereza - Boa Vista - RR</b>	8.118
<b>União - Boa Vista - RR</b>	3.801
<b>Jardim Caranã - Boa Vista - RR</b>	3.495
<b>Cidade Satélite - Boa Vista - RR</b>	5.942
<b>Olímpico - Boa Vista - RR</b>	915
<b>Doutor Airton Rocha - Boa Vista - RR</b>	69
<b>Laura Moreira - Boa Vista - RR</b>	4.992
<b>Murilo Teixeira Cidade - Boa Vista - RR</b>	112
<b>5 de Outubro - Boa Vista - RR</b>	1.542
<b>São Bento - Boa Vista - RR</b>	6.368

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010